



## “Contra os Gramáticos”, de Sexto Empírico: tradução anotada, quinta e última parte (M 1. 270-320)<sup>1</sup>

*Against the Grammarians*, by Sextus Empiricus: annotated translation, final section (M 1. 270-320)

Joseane Prezotto<sup>2</sup>

e-mail: [joseane.prezotto@gmail.com](mailto:joseane.prezotto@gmail.com)

orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7833-2425>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22730>

**Resumo:** Tradução anotada da parte final (M 1. 270-320) do tratado *Contra os Gramáticos*, escrito pelo filósofo cético pirrônico Sexto Empírico (provavelmente séc. II d.C.). Na passagem traduzida, Sexto, depois de tratar da parte *técnica* (M 1. 169-247) e da parte dita *histórica* (M 1. 247-269), aborda a parte da gramática que trata de poetas e escritores. A exposição faz uso tanto de argumentos de influência epicurista, aqueles que afirmam a inutilidade e nocividade da gramática e da poesia, quanto de argumentos céticos, os que demonstram a incoerência e insubsistência do empreendimento gramatical. As notas à tradução buscam sublinhar e ampliar questões importantes, justificar escolhas tradutórias e traçar paralelos entre a passagem e outras obras do autor ou do período.

**Palavras-chave:** Sexto Empírico; filosofia helenística; ceticismo; epicurismo; gramática; poesia

**Abstract:** Annotated translation of the final section (M 1. 270-320) of the treatise *Against the Grammarians*, written by the pyrrhonian skeptical philosopher Sextus Empiricus (c. second century AD). In this passage, Sextus, discussing the duties of the grammatical expertise, after dealing with the technical part (M 1. 97-247), and the so-called historical part (M 1. 247-269), approach the part which deals with poets and writers. In his exposition we can find arguments from epicurean origin, those that affirm the uselessness and harmfulness of grammar and poetry, as well as skeptical ones, which demonstrate the incoherence and insubstantiality of the grammatical endeavor. The notes to the translation intend to point and widen important questions, to justify our translational choices and to draw parallels with other works by the author or the period.

**Keywords:** Sextus Empiricus; Hellenistic Philosophy; Scepticism; Epicurism; grammar; poetry

<sup>1</sup> Este artigo deriva de tese de doutorado cuja pesquisa foi financiada com recursos CAPES/REUNI e CAPES/PDSE (0862-12-6). Agradeço a todos os professores e professoras que participaram do processo dessa pesquisa e aos pareceristas deste periódico por suas valiosas sugestões e contribuições.

<sup>2</sup> Professora Colaboradora do Departamento de Literatura da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, Brasil. Pesquisadora PNPd/Capes.



## Apresentação

Sexto Empírico foi um filósofo cético pirrônico e também, ao que tudo indica, médico. Teria vivido, acredita-se, no século II d.C. É o único cético grego da antiguidade de quem possuímos obras completas. Obras que, ao serem traduzidas para o latim no início do século XVI, influenciaram profundamente o desenvolvimento da filosofia moderna. A passagem traduzida neste artigo faz parte de seu tratado menos conhecido, o *Contra os Professores* (M. 1-6). Nesse tratado, Sexto dá vazão a sua verve destrutiva atacando disciplinas teóricas que estavam em voga entre as escolas filosóficas no período helenístico.<sup>1</sup> São elas: gramática, retórica, geometria, aritmética, astronomia e música. O *Contra os Gramáticos* é o livro mais extenso dos seis. Em seu início (M 1. 1-40)<sup>2</sup>, Sexto apresenta um ataque geral contra a possibilidade de ensino, que funciona, portanto, como uma introdução a toda a discussão do *Contra os Professores*.

Em seguida (M 1. 41-96)<sup>3</sup>, no que consideramos a primeira parte propriamente dita do *Contra os Gramáticos*, Sexto delimita sua discussão definindo a gramática alvo do seu ataque como aquela completa, “organizada por Crates de Malos, Aristófanes, Aristarco e seus seguidores” (§ 44). E, presumivelmente seguindo a configuração comum a manuais produzidos por gramáticos, aborda elogios à gramática (constantes nas introduções laudatórias desses manuais); critica certas definições da disciplina; põe em xeque sua autodesignada tarefa; apresenta algumas propostas de divisão da gramática em partes (relacionadas a distintas atividades); e nos diz qual divisão e partes serão abordadas por ele.

Na segunda seção<sup>4</sup>, M 1. 97-168<sup>5</sup>, tem início a argumentação que trata das partes da gramática, ocupando-se da parte técnica, mais especificamente do tratamento de letras, sílabas, partes da sentença e análise da sentença. Os ataques contra as entidades postuladas pela parte técnica da gramática são tipicamente sextianos: os gramáticos não possuem elementos ou primeiros princípios (§ 99, 120); não existe algo como uma sílaba longa ou breve (§ 126, 130); é impossível que exista a palavra (§ 131); a sentença e suas partes não existem (§ 138, 140, 158); a divisão da sentença em partes é impossível (§ 161, 164, 168).

<sup>1</sup> Os estudiosos concordam em situar Sexto por volta do meio do século II d.C., ou início do século III d.C.; sua obra, no entanto, dialoga com o período helenístico, sem qualquer menção a filósofos, gramáticos ou personagens históricos posteriores ao século I d.C.

<sup>2</sup> Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2017a.

<sup>3</sup> Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2018.

<sup>4</sup> A divisão serviu para adequar o texto à publicação em artigos, mas procura, evidentemente, ser coerente com a estrutura da obra.

<sup>5</sup> Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2017b.

Na terceira seção, *M* 1. 169-247<sup>6</sup>, dando continuidade ao ataque à parte técnica, aborda a ortografia, a correção e a etimologia. Nesse momento, o espaço que ele destina a argumentos que, muito provavelmente, são de origem epicurista, e não cética, é considerável. Isso poderia sugerir que sua fonte principal fosse, ao invés de alguma das gramáticas que cita, uma obra de ataque à doutrina gramatical, nos moldes das produzidas pela tradição epicurista, contendo, então, as informações que Sexto usa na sua exposição.

A partir das próprias indicações do filósofo, no *Contra os Gramáticos* e no *Contra os Músicos* (§ 4-5)<sup>7</sup>, uma polêmica epicurista (dogmática) visa demonstrar que uma arte ou estudo não é útil<sup>8</sup>, mas prejudicial; enquanto a refutação cética e aporética pretende destruir a disciplina pelo ataque a sua estrutura, de forma que os argumentos de viés epicurista seriam aqueles que começam com declarações ou apologias feitas em nome da suposta arte e/ou aqueles que concluem que ela é inútil ou não é, de fato, uma *tekhne*. Os argumentos céticos, por sua vez, ocupar-se-iam de definições, teoremas e hipóteses, demonstrando que são incoerentes ou insubsistentes.

A quarta parte, *M* 1. 248-269<sup>9</sup>, aborda a parte *histórica* da disciplina gramatical, cujo escopo seria fornecer informações sobre personagens; ficções e mitos; palavras insólitas etc. Sexto, em sua argumentação, enfatiza principalmente a falta de método da atividade, asseverando a característica assistemática de seu objeto, o que demonstraria que não há *tekhne* envolvida no empreendimento gramatical como um todo.

Na seção aqui traduzida, *M* 1. 270-320, a última do *Contra os Gramáticos*, Sexto trata da parte chamada ‘gramatical’ (ou, anteriormente, ‘específica’), que trata de poetas e escritores.

Embora Sexto realmente se aproprie sem mais de argumentos de outras escolas, por vezes ele faz questão de especificar sua procedência. Muitos desses argumentos, como dissemos em relação à terceira seção, revelam um viés epicurista, mas Sexto não os distingue, o que poderia sugerir que tais argumentos não contrariam o espírito cético. Tais distinções são feitas, geralmente, quando os argumentos se assentam sobre premissas dogmáticas e violam o espírito cético, como, por exemplo, quando os argumentos contra a gramática são direcionados em primeiro lugar contra a própria poesia, pois os pirrônicos se recusam a atacar a poesia (*M* 1. 278, 299). Essa diferenciação ocorre na passagem em questão neste artigo. Uma longa seção é atribuída por Sexto a “outros, especialmente os epicuristas” (*M* 1. 299). Essa seção (§ 277-298) contém a primeira parte do ataque de Sexto à parte da

<sup>6</sup> Ver nossa tradução anotada em Prezotto, 2019.

<sup>7</sup> Ver tradução e estudo em Roeder, 2013.

<sup>8</sup> A noção de ‘utilidade’, ausente desde o § 56, aparece onze vezes na seção sobre ortografia e helenismo. Apesar disso, Blank (1998, p. l) mostra-se relutante em conferir uma origem puramente epicurista a essas seções. Pois, se está claro que existem precedentes epicuristas para tais discussões, para o autor, o modo como são aí tratadas por Sexto tem muito em comum com outras passagens em sua obra, especialmente no relativo ao *critério prático*, além do uso de termos que lhe são característicos, como simples (*apheles*: § 153, 179, 232) e não-técnico (*atekhmos*: § 153, 180, 181, 183, 219).

<sup>9</sup> Ver nossa tradução anotada em Prezotto, no prelo.

gramática que trata dos poetas. A contra-argumentação de viés epicurista segue, ponto por ponto, os argumentos mencionados em defesa da utilidade dessa parte da gramática.

Na sequência (§ 299-320), o ataque segue uma orientação diferente, Sexto não critica a poesia ela mesma, seu alvo é a ignorância dos gramáticos acerca tanto das palavras usadas na poesia como de seus significados. Essa segunda parte do ataque, Sexto a descreve como uma refutação cética (§ 299). As seções se dividem, portanto, da maneira indicada por Sexto: a réplica epicurista contesta a utilidade da poesia e da poética para a ‘felicidade’; o ataque cético, por sua vez, mira nos princípios fundamentais e nos teoremas gramaticais.



ΠΡΟΣ ΜΑΘΗΜΑΤΙΚΟΥΣ (Μ 1. 270-320)

Ἵτι τὸ τοὺς ποιητὰς καὶ συγγραφεῖς μέρος τῆς γραμματικῆς ἀσύστατόν ἐστιν  
 [270] Ἴδη μὲν δυνάμει καὶ τὸ περὶ ποιητὰς καὶ συγγραφεῖς μέρος τῆς γραμματικῆς  
 ἡμῖν ἀνήρηται, δείξασι τὸ ἀδύνατον τοῦ κατὰ τὰς τεχνολογίας καὶ τοῦ ἱστορικοῦ· χωρὶς  
 γὰρ τούτων οὐκ ἀπευθύνεται τις ποιήσεως ἐξήγησις. ὅμως δ' οὖν καὶ τὰ ἐν τούτῳ τῷ  
 μέρει πειρασόμεθα κοινότερον δυνάμενα λέγεσθαι σκοπεῖν, καὶ μάλιστα ὅτι οὕτως  
 ἐπιτεθαρρήκασιν αὐτῷ οἱ γραμματικοὶ ὡς καὶ τὸ βιωφελὲς τῆς γραμματικῆς καὶ πρὸς  
 εὐδαιμονίαν ἀναγκαῖον ἐξ αὐτοῦ τολμᾶν πιστοῦσθαι. φασὶ γοῦν ὡς ἡ ποιητικὴ πολλὰς  
 δίδωσιν ἀφορμὰς πρὸς σοφίαν καὶ εὐδαίμονα βίον, ἄνευ δὲ τοῦ ἀπὸ γραμματικῆς  
 φωτὸς οὐχ οἷόν τε τὰ παρὰ τοῖς ποιηταῖς διορᾶν ὅποιά ποτέ ἐστιν· χρειώδης ἄρα ἡ  
 γραμματικὴ. [271] τὸ δ' ὅτι συχνὰς δίδωσιν ἡ ποιητικὴ ἀφορμὰς πρὸς εὐδαιμονίαν  
 δῆλον ἐκ τοῦ τὴν ὄντως κρατίστην καὶ ἠθοποιὸν φιλοσοφίαν ἀπὸ τῆς παρὰ τοῖς  
 ποιηταῖς γνωμολογίας τὴν ἀρχὴν ἐρριζῶσθαι, καὶ διὰ τοῦτο τοὺς φιλοσόφους, εἴ ποτε  
 παραινεντικῶς τι λέγοιεν, ταῖς ποιητικαῖς φωναῖς ὡσπερὶ σφραγίζεσθαι τὸ ὑπ' αὐτῶν  
 λεγόμενον. καὶ ὁ μὲν ἐπ' ἀρετὴν παρακαλῶν φησὶν

ἀρετὴ δὲ κἂν θάνη τις οὐκ ἀπόλλυται·

ὁ δὲ φιλαργυρίαν φεύγειν ἐγκελευόμενος προφέρεται τὸ

μὴ Πλοῦτον εἴπησ· οὐχὶ θαυμάζω θεόν,

ὄν χῶ κάκιστος ραδίως ἐκτήσατο·

ὁ δὲ αὐτάρκειαν ὑπαγορεύων συμπίστοῦται τὸ δόγμα ἐκ τοῦ τὸν Εὐριπίδην λέγειν

τί γὰρ δέει βροτοῖσι πλὴν δυοῖν μόνον,

Δήμητρος ἀκτῆς πώματός θ' ὑδρηχόου,

ἂ δὴ πάρεστι καὶ πέφυχ' ἡμᾶς τρέφειν;

[272] καὶ τὸ μὲν τοὺς ἄλλους φιλοσόφους τοῦτο ποιεῖν οὐ παράδοξον, αὐτοὺς δὲ  
 εὐρήσομεν τοὺς τῆς γραμματικῆς κατηγορούς, Πύρρωνά τε καὶ Ἐπίκουρον,  
 ἐξομολογουμένους τὸ ἀναγκαῖον αὐτῆς· ὧν ὁ μὲν Πύρρων ἱστορεῖται τὴν Ὀμηρικὴν διὰ  
 παντὸς ποιήσιν ἀναγινώσκων, μὴ ἂν ποτε τοῦτο ποιήσας εἴπερ μὴ ἐγίνωσκεν αὐτὴν  
 χρησίμην καὶ διὰ τοῦτο τὴν γραμματικὴν ἀναγκαίαν, [273] ὁ δὲ Ἐπίκουρος φωρᾶται τὰ  
 κράτιστα τῶν δογμάτων παρὰ ποιητῶν ἀνηρπακῶς· τὸν τε γὰρ ὅρον τοῦ μεγέθους τῶν  
 ἡδονῶν, ὅτι ἡ παντός ἐστι τοῦ ἀλγοῦντος ὑπεξαίρεσις, ἐξ ἑνὸς στίχου δέδεικται λαβῶν  
 <τοῦ>

αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο·

τὸν δὲ θάνατον, ὅτι οὐδὲν ἐστὶ πρὸς ἡμᾶς, Ἐπίχαρμος αὐτῷ προμεμήνυκεν, εἰπὼν

ἀποθανεῖν ἢ τεθνάναι οὐ μοι διαφέρει.

ὡσαύτως δὲ καὶ τὰ νεκρὰ τῶν σωμάτων ἀναισθητεῖν παρ' Ὀμήρου κέκλοφε,  
 γράφοντος

κωφὴν γὰρ δὴ γαῖαν ἀεικίζει μενεαίνων.

[274] καὶ μὴν οὐ ταῦτα μόνον τοῖς ποιηταῖς δεξιῶς εἰρησθαι φαίνεται ἀλλὰ καὶ τὰ περὶ θεῶν, οἷόν ἐστι καὶ τὸ παρὰ τῷ Εὐριπίδῃ λεχθὲν ἐν Φρίξῳ

ὅστις δὲ θνητῶν οἶεται καθ' ἡμέραν  
κακόν τι πράσσων τοὺς θεοὺς λεληθέναι,  
δοκεῖ πονηρά, καὶ δοκῶν ἀλίσκεται  
ὅταν σχολὴν ἄγουσα τυγχάνῃ δίκη.

ἀλλ' εἶπερ ταῦτα καὶ τὰ τούτοις εἰκότα χρειώδη ἐστί, λαμβάνεται δ' οὐ χωρὶς γραμματικῆς, ἔσται καὶ ἡ γραμματικὴ τῶν βιωφελῶν. [275] ἔχοι δ' ἂν τινα, φασίν, ἔξαιρέτως καὶ ταῖς τῶν μανθανόντων αὐτὴν πατρίσιν ἀναγκαῖα. Λεβεδίων γοῦν διαφερομένων πρὸς τοὺς ἀστυγείτονας περὶ Καμανδωδοῦ ὁ [γραμματικὸς] τὸ Ἴππωνάκτειον παραθέμενος ἐνίκα

μηδέ μοι μῦ

λαλεῖν Λεβεδίην ἰσχάδ' ἐκ Καμανδωδοῦ.

ὀμιλητικούς τε παρεχομένη τοὺς προσέχοντας αὐτῇ εὐθύς καὶ ταύτῃ [καὶ] τοῖς πέλας κατὰ πολλὰς περιστάσεις ὀνησιφόρος γίνεται. [276] πάρεστι δὲ τὸ λεγόμενον σκοπεῖν ἐξ αὐτῶν τῶν ἀποτελεσμάτων. Σώστρατος γάρ, ὡς φασίν, ἀποσταλεῖς ὑπὸ Πτολεμαίου πρὸς τὸν Ἀντίγονον βασιλικῆς τινὸς ἔνεκα χρείας, κάκεινου εἰκαιότερον ἀποκρινομένου, ἐπέτυχεν εἰπῶν

οὔτω δὴ κέλει, γαιήοχε κυανοχαῖτα;  
τόνδε φέρω Διὶ μῦθον ἀπηνέα τε κρατερόν τε;  
ἢ τι μεταστρέψεις; στρεπταὶ μὲν τε φρένες ἐσθλῶν.

ταῦτα γὰρ ἀκούσας Ἀντίγονος μετεβάλλετο.

[277] Πολλῶν δὲ τοιούτων λεγομένων εἰς τὸ χρησιμώτατον εἶναι τὸ τῆς γραμματικῆς μέρος τὸ περὶ ποιητὰς καὶ συγγραφεῖς καταγιγνόμενον, δείγματος χάριν τοῖς ἐκκειμένοις ἀρκεσθέντες λέγωμεν πρὸς ἕκαστον αὐτῶν. τὸ τοῖνυν βιωφελῆ εἶναι τὴν ποιητικὴν γνωμολογίαν καὶ φιλοσοφίας ἀρχήν, ταύτης δὲ ἀποδοτικὴν ὑπάρχειν τὴν γραμματικὴν, ὄντως γραμματικόν ἐστιν. [278] πρῶτον μὲν γάρ, ἵνα συνδράμωμεν αὐτοῖς μηδὲν ποιητικῆς κατειπόντες, ἀλλ' οὖν γε ἐκεῖνο πρόδηλόν ἐστιν ὅτι ὅποσα μὲν βιωφελῆ καὶ ἀναγκαῖα εὐρίσκεται παρὰ ποιηταῖς, οἷά ἐστι τὰ γνωμικὰ καὶ παραινετικά, ταῦτα σαφῶς αὐτοῖς πέφρασται καὶ οὐ δεῖται γραμματικῆς, <ὅποσα δὲ μὴ σαφῶς πέφρασται καὶ δεῖται γραμματικῆς> καθάπερ τὰ ἐν ξέναις ἱστορίαις κείμενα ἢ αἰνιγματωδῶς ἐκφερόμενα, ταῦτ' ἐστὶν ἄχρηστα, ὥστε καὶ τῇ ἀπ' ἐκείνων ὠφελείᾳ μὴ συνεισέρχεσθαι αὐτῶν τὸ χρειώδες τῆς γραμματικῆς καὶ τῇ τούτων ματαιότητι συμπεριφέρεσθαι. [279] εἶτα φάσις μόνον ἐστὶν ἡ γνώμη, καθάπερ τὸ τοιοῦτο,

σοφὸν γὰρ ἐν βούλευμα τὰς πολλὰς χέρας  
νικᾷ, σὺν ὄχλῳ δ' ἀμαθία πλεῖστον κακόν·

φάσει δὲ οὐ πείθεται ὁ νοῦς περὶ τοῦ καλῶς εἰρησθαι ἢ μὴ [εἰρησθαι], ἀλλ' ἀποδείξεων δεῖται. αἱ δὲ ἀποδείξεις τῶν καθηκόντως λεγομένων ἢ μὴ οὐ γραμματικῆς εἰσὶν ἀλλὰ φιλοσοφίας· τοῖνυν καὶ ταύτῃ περισσὴν καὶ ματαίαν συμβέβηκεν εἶναι τὴν γραμματικὴν. καὶ μὴν εἶπερ διὰ τὸ πολλὰ καλῶς εἰρησθαι τοῖς ποιηταῖς καὶ βιωφελῶς

χρησίμη ἐστὶν ἡ προφήτις γραμματικὴ αὐτῶν, ἐπεὶ πολλαπλασίονα τούτων διαστρόφως καὶ ἐπὶ λύμῃ τοῦ βίου παρ' αὐτοῖς ἐξηνήνεκται, ἄχρηστος γενήσεται. καθὰ γὰρ ἔστι τις ὁ εἰπῶν

μὴ Πλοῦτον εἴπῃς· οὐχὶ θαυμάζω θεόν,  
ὄν χῶ κάκιστος ῥαδίως ἐκτήσατο,

οὕτως ἔστι καὶ ὁ τούναντίον ἀποφαινόμενος  
ὧ̃ χρυσὲ δεξίωμα κάλλιστον βροτοῖς,  
ὡς οὔτε μήτηρ ἡδονὰς τοίας ἔχει,  
οὐ παῖδες ἀνθρώποισιν, οὐ φίλος πατήρ,  
οἷας σὺ χοί σὲ δώμασιν κεκτημένοι.

καὶ πάλιν

εὖ̃ πρᾶσσε· τὰ φίλων δ' οὐδὲν ἦν τις δυστυχήῃ.

καὶ

κάλλιστα μουσῶν φθέγγεται πλουτῶν ἀνὴρ.

[280] ἀναποδείκτως μὲν οὖν λεγομένων τῶν οὕτως ἐναντίων ἐπιρρεπέστερον ἔχουσιν ἄνθρωποι πρὸς τὴν τοῦ χείρονος ἐκλογὴν, καὶ διὰ τοῦτο βλαπτικὴ ἀναφαίνεται ἡ ποιητικὴ· διακρινομένων δὲ αὐτῶν, καὶ τῶν μὲν ἀθετουμένων τῶν δὲ προκρινομένων, χρειώδης γίνεται οὐχ ἡ γραμματικὴ ἀλλ' ἡ διακρίνειν δυναμένη φιλοσοφία. ποιητικοῖς τε μαρτυρίοις χρῶνται οὐχ οἱ γνησίως φιλοσοφοῦντες (τούτων γὰρ ὁ λόγος αὐτάρκης ἐστὶ πρὸς πειθῶ) ἀλλ' οἱ τὸν πολὺν καὶ ἀγοραῖον φενακίζοντες ὄχλον· [281] οὐ γὰρ δυσχερὲς ποιητὰς μαχομένους καὶ εἰς ὃ τι ἂν θέλωσιν ἄδοντας δεῖξαι, ὅτε καὶ οἱ προηγουμένως φιλοσοφοῦντες πολλὰ μαχομένως λέγουσιν. τῶν δὲ γραμματικῆς κατηγόρων ὁ μὲν Πύρρων παρ' ἕκαστα τὴν Ὀμηρικὴν διετύλισσε ποίησιν οὐ πάντως διὰ τὴν εἰρημένην αἰτίαν, ἀλλὰ τάχα μὲν ψυχαγωγίας χάριν καὶ ὡς εἰ κωμωδῶν ἡκροᾶτο, τάχα δὲ καὶ τοὺς ποιητικοὺς παρατηρῶν τρόπους καὶ χαρακτῆρας· [282] λέγεται γὰρ αὐτὸν καὶ ποίησιν εἰς τὸν Μακεδόνα Ἀλέξανδρον γράψαντα μυρίοις χρυσοῖς τιμηθῆσθαι. οὐκ ἀπέοικε δὲ καὶ ἄλλας αἰτίας ὑπάρχειν, περὶ ὧν ἐν τοῖς Πυρρωνείοις διεξήλθομεν. [283] ὁ δὲ Ἐπίκουρος οὐκ ἐκ τῶν Ὀμηρικῶν εἴληψε τὸν ὅρον τοῦ μεγέθους τῶν ἡδονῶν· μακρῶ γὰρ διαφέρει τὸ λέγειν ὅτι ἐπαύσαντό τινες πίνοντες καὶ ἐσθίοντες καὶ τὴν αὐτῶν ἐπιθυμίαν πληροῦντες (τοῦτο γὰρ ἐστὶ τὸ

αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο)

τοῦ φάναι ὅρον εἶναι τῶν περὶ τὰς ἡδονὰς μεγεθῶν τὴν τοῦ ἀλγοῦντος ὑπεξαίρεισιν· τοῦτο γὰρ οὐ πάντως κρέασι καὶ οἴνῳ ἀλλὰ καὶ τοῖς λιτοτάτοις πέφυκε γίνεσθαι. [284] ἄλλως τε ὁ μὲν ποιητὴς ἐπὶ προσφερομένων μόνων ἐποίησατο τὴν ἀπόφασιν, Ἐπίκουρος δὲ ἐπὶ πάντων τῶν ἀπολαυστῶν, ἐν οἷς ἐστὶ καὶ ἡ ἀφροδίσιος μῆξις, περὶ ἧς πάντες ἴσασιν οἷαν ἔσχε γνώμην Ὀμηρος. τό τε τὸν θάνατον [μὲν] μηδὲν εἶναι πρὸς ἡμᾶς εἴρηται μὲν ἴσως τῷ Σώφρονι, ἀποδέδεικται δὲ Ἐπικούρῳ, καὶ ἔστιν οὐ τὸ εἰπεῖν ἀλλὰ τὸ ἀποδεῖξαι θαυμαστόν. [285] εἶτα οὐδὲ κατὰ τοῦτο ἔφησεν ὁ Ἐπίκουρος τὸν θάνατον μηδὲν εἶναι πρὸς ἡμᾶς, καθὸ ἀδιάφορόν ἐστιν ἢ ζῆν ἢ μὴ· πολλῶ γὰρ αἰρετώτερον τὸ ζῆν διὰ τὸ αἰσθανομένων εἶναι τὸ ἀγαθόν· ἀλλ' ἐν ἀναισθησίᾳ οὔτε κακόν τι εἶναι οὔτε ἀγαθόν. τὸ μὲν γὰρ ἀναισθητεῖν τὰ νεκρὰ τῶν σωμάτων οὐχ ὁ ποιητὴς μόνος οἶδεν ἀλλὰ καὶ ὁ σύμπας βίος. μήτηρ γοῦν πολλάκις υἱὸν θρηνοῦσα



φῆσιν ἄλλα σὺ μὲν τούτων οὐκ ἐπαισθάνη, ἐγὼ δὲ ταλαιπωρῶ· καὶ ἐνατενίζουσα ἐπιφθέγγεται ἄτις δὲ ἐστὶν ἔτι σοι τούτων ὄνησις; [286] οὐ μὴν ἄλλ' ἐὰν ἐξετάζη τις, τὴν ἐναντίαν ἔχοντα δόξαν εὐρήσει τὸν ποιητὴν. αἱ μὲν γὰρ ψυχαὶ κοινῶς διψῶσιν αἵματος (ἄλλ' ἀποχάζεο βόθρου, ἄπισχε δὲ φάσγανον ὄξυ αἵματος, ὄφρα πῖω καὶ τοι νημερτέα εἴπω),

ὁ δὲ Τιτυὸς ὑπὸ γυπῶν διὰ τὴν ἐπιθυμίαν ἥπατοφαγεῖται, ὁ δὲ Τάνταλος ἔσθηκεν ἐν λίμνῃ,

ἢ δὲ προσέκλυζε γενεῖω·

στεῦτο δὲ διψάων, πιέειν δ' οὐκ εἶχεν ἐλέσθαι.

[287] καὶ μὴν ὅσον ἐπὶ τῷ ὑπ' Εὐριπίδου λεχθέντι περὶ θεῶν, τὴν αὐτὴν καὶ οἱ ἰδιῶται δόξαν ἔχουσιν. ἴσον γὰρ ἐστὶ τῷ

ὅστις δὲ θνητῶν οἶεται τούφήμερον

κακόν τι πράσσειν τοὺς θεοὺς λεληθέναι,

δοκεῖ πονηρὰ, καὶ δοκῶν ἀλίσκεται

ὅταν σχολὴν ἄγουσα τυγχάνῃ δίκη

καὶ τὸ οὕτω παρὰ τοῖς πολλοῖς λεγόμενον·

ὄψε θεῶν ἀλέουσι μύλοι, ἀλέουσι δὲ λεπτά·

[288] μόνω δὲ διενήνοχε τῷ μέτρῳ. ἂν δὲ καὶ ἐξετάσῃ τις, πολλῶν χείρονα τῆς τῶν ἰδιωτῶν ὑπολήψεως εὐρήσει τὰ τῶν ποιητῶν. καὶ ὁ μὲν σκηνικὸς ἀναγορευθεὶς φιλόσοφος ἔτι μετριώτερος φαίνεται, λέγων μὴ εἰδέναι ᾧ προσεύχεται

ὦ γῆς ὄχημα κάπτι γῆς ἔχων ἔδραν,

ὅστις ποτ' εἶ σύ, δυστόπαστος εἰσιδεῖν,

Ζεὺς, εἴτ' ἀνάγκη φύσεος εἴτε νοῦς βροτῶν,

προσευξάμην σέ.

[289] Ὅμηρος δὲ καὶ Ἡσίοδος κατὰ τὸν Κολοφώνιον Ξενοφάνη

ὡς πλεῖστ' ἐφθέγγαντο θεῶν ἀθεμίστια ἔργα,

κλέπτειν μοιχεύειν τε καὶ ἀλλήλους ἀπατεύειν.

Κρόνος μὲν γὰρ, ἐφ' οὗ τὸν εὐδαίμονα βίον γεγονέναι λέγουσι, τὸν πατέρα ἠνδροτόμησε καὶ τὰ τέκνα κατέπιεν, Ζεὺς τε ὁ τούτου παῖς ἀφελόμενος αὐτὸν τῆς ἡγεμονίας

γαίης νέρθε καθεῖσε καὶ ἀτρυγέτοιο θαλάσσης,

τῆλε μάλ' ἤχι βάθιστον ὑπὸ χθονός ἐστι βέρεθρον.

[290] τῷ δὲ Διὶ ἐπιβουλεύουσιν οἱ συγγενεῖς, παρὸ καὶ ὑπὸ Θέτιδος βοηθεῖται,

ὁππότε μιν ξυνδῆσαι Ὀλύμπιοι ἤθελον ἄλλοι,

Ἦρη τ' ἠδὲ Ποσειδάων καὶ Παλλὰς Ἀθήνη·

ὠμότατος γὰρ ἐστὶ, καὶ τὴν μὲν ἀδελφὴν καὶ γυναῖκα ἱεροσύλου τρόπον κρεμάσας οὐκ ἀρκεῖται, ἀλλὰ καὶ ὄνειδίζει λέγων

ἢ οὐ μέμνη ὅτε τ' ἐκρέμω ὑπόθεν, ἐκ δὲ ποδοῖν

ἄκμονας ἤκα δύω, περὶ χερσὶ δὲ δεσμὸν ἴηλα

χρύσειον ἄρρηκτον, σὺ δ' ἐν αἰθέρι καὶ νεφέλῃσιν

ἐκρέμω, ἡλάστεον δὲ θεοὶ κατὰ μακρὸν Ὀλυμπον;

[291] τὸν δὲ Ἥφαιστον ὀργισθεὶς ρίπτει ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ, ὁ δὲ



κάππεσεν ἐν Λήμνῳ, ὀλίγος δ' ἔτι θυμὸς ἐνήεν.  
 τὸν δὲ ἀδελφὸν ὑπερορᾶ  
 οἰκί' ἔχοντα  
 σμερδαλέ' εὐρώεντα, τὰ τε στυγέουσι θεοὶ περ.  
 πρόσσεσι δὲ αὐτῷ πρὸς τῇ ἀποτομίᾳ καὶ ἀκρασία, ὅς θεασάμενος τὴν Ἥραν ἐπὶ τῆς  
 Ἰδης κεκοσμημένην οὐ καρτερεῖ μέχρις τῶν ἀποδεδειγμένων αὐτοῖς θαλάμων ἐλθεῖν,  
 ἀλλ' ἐπὶ τοῦ ὄρους χαμαὶ ρίψας ἑαυτὸν συγκυλίνδεται τῇ γυναικί,  
 τοῖσι δ' ὑπὸ χθῶν δῖα φύεν νεοθηλέα ποίην,  
 λωτόν θ' ἐρσήεντα ἰδὲ κρόκον ἢ δ' ὑάκινθον.

[292] ποικίλης οὖν πεφωραμένης τῆς ποιήσεως ἀνωφελῆς ἢ γραμματικῆ μὴ δυναμένη ἀποδειῖξαι τίσι πιστευτέον ἐστὶν ὡς ἀληθεῖσι καὶ τίσιν ἀπιστητέον ὡς μυθικοῖς ψεύσμασιν.

[293] Ἄλλὰ πόλει φασὶ χρησίμην εἶναι τὴν γραμματικὴν, ἐπεὶ καὶ Λεβεδίοις νίκης αἴτιον ἐγένετο ἐκ ποιητικῆς μαρτύριον. ἔνεκα δὲ τούτου καὶ τὴν ὀρχηστικὴν ἀναγκαίαν λέγομεν εἶναι, ἐπεὶ Σώστρατος ὁ Ἀντιόχου ὀρχηστής, λαβόντος ὑποχείριον τὴν Πριήνην τοῦ βασιλέως πατρίδα οὖσαν αὐτοῦ, καὶ παρὰ τὸ συμπόσιον τὴν ἐλευθερίαν ἀναγκαζόμενος ὀρχεῖσθαι, οὐ καλὸν ἔφη τῆς πατρίδος αὐτοῦ δουλευούσης αὐτὸν ἐλευθερίαν ὀρχεῖσθαι· καὶ διὰ τοῦτο ἐλευθερωθῆναι τὴν πόλιν. [294] εἶτα ἄλλο μὲν ἐστὶ τὸ πόλει χρήσιμον, ἄλλο δὲ τὸ ἡμῖν αὐτοῖς. σκυτοτομικὴ γοῦν καὶ χαλκευτικὴ πόλει μὲν ἐστὶν ἀναγκαῖον, ἡμῖν δὲ χαλκεῦσι γενέσθαι καὶ σκυτοτόμοις πρὸς εὐδαιμονίαν οὐκ ἀναγκαῖον. διόπερ καὶ ἡ γραμματικὴ οὐκ ἐπεὶ πόλει χρησίμη καθέστηκεν, ἔξ ἀνάγκης καὶ ἡμῖν ἐστὶν [ἡ] τοιαύτη. ἡ μὲν γὰρ ὁμιλητικὴ οὐκ ἀπὸ γραμματικῆς περιγίνεσθαι πέφυκεν, ἀλλ' ἀπὸ κοινῆς τινος ἐντρεχείας, [295] εἰ μὴ τι καὶ Δημάδης ὁ ῥήτωρ γραμματικὸς ἦν, πολλοῖς τῶν Ἀθηναίων μετὰ τὴν ἐν Χαιρωνείᾳ ἦτταν συναιχμαλωτισθεὶς καὶ εἰπὼν πρὸς τὸν Φίλιππον ἀναγκάζοντα εὐωχεῖσθαι

τίς γάρ κεν ἀνὴρ, ὃς ἐναΐσιμος εἶη,  
 πρὶν τλαίῃ πάσασθαι ἐδητύος ἢ δὲ ποτῆτος,  
 πρὶν λῦσαί θ' ἐτάρους καὶ ἐν ὀφθαλμοῖσιν ἰδέσθαι;

[296] Ταῦτα μὲν οὖν πρὸς τὰς τῶν γραμματικῶν ἐπιχειρήσεις λεγέσθω· προηγουμένως δὲ ρητέον ὡς εἰ μὲν μόνοι ἦσαν οἱ ποιηταὶ βιωφελεῖς, τάχα ἂν ἡ γραμματικὴ βιωφελῆς ἐγένετο περὶ τούτους πονουμένη, νῦν δὲ ἐπεὶ οὗτοι μὲν ἢ ἀνωφελεῖς εἰσιν ἢ ὀλιγωφελεῖς, φιλόσοφοι δὲ καὶ οἱ λοιποὶ συγγραφεῖς διδάσκουσι τὰ ὠφέλιμα τῶν πραγμάτων, οὐ δεόμεθα γραμματικῆς. [297] καὶ ὅτι οἱ συγγραφεῖς μᾶλλον ἢ οἱ ποιηταὶ τὰ χρήσιμα τῷ βίῳ δηλοῦσιν, εὐεπιλόγιστον. οἱ μὲν γὰρ τοῦ ἀληθοῦς στοχάζονται, οἱ δὲ ἐκ παντὸς ψυχαγωγεῖν ἐθέλουσιν, ψυχαγωγεῖ δὲ μᾶλλον τὸ ψεῦδος ἢ τὸ ἀληθές. [298] καθόλου τε, ὅσον ἐπὶ τοῖς ποιηταῖς, οὐχ οἷον ἀνωφελῆς τῷ βίῳ ἀλλὰ καὶ βλαβερωτάτη. ἐπιτείχισμα γὰρ ἀνθρωπίνων παθῶν ἢ ποιητικὴ καθέστηκεν· καὶ ὡς

γέρων γέροντι γλῶσσαν ἠδίστην ἔχει,

οὕτως οἱ μὲν ἐρωτομανεῖς καὶ μέθυσοι τὰς Ἀλκαίου καὶ Ἀνακρέοντος ποιήσεις ἀναγνόντες προσεκκαίονται, οἱ δὲ ὀργίλοι Ἰππώνακτα καὶ Ἀρχίλοχον ἀλείπτας ἔχουσι τῆς περὶ αὐτοὺς κακίας.

[299] Τὰ μὲν οὖν ὑπὸ τῶν ἄλλων λεγόμενα κατὰ τὸν τόπον, καὶ μάλιστα τῶν Ἐπικουρείων, ἐστὶ τοιαῦτα· ἡμεῖς δὲ μηδὲν κατειπόντες τῆς ποιητικῆς ἄλλως ποιῶμεθα τὰς ἀντιρρήσεις πρὸς τοὺς ἀξιοῦντας γραμματικὴν ἔχειν τέχνην τῶν παρὰ ποιηταῖς καὶ συγγραφεῦσι λεγομένων διαγνωστικὴν. [300] ἔπει τοίνυν πᾶν σύγγραμμα καὶ πᾶσα ποιήσις ἐκ λέξεων τῶν δηλουσῶν καὶ πραγμάτων τῶν δηλουμένων συνέστηκε, δεήσει τὸν γραμματικόν, εἴπερ ἔχει τέχνην διαρθρωτικὴν τῶν παρὰ συγγραφεῦσι καὶ ποιηταῖς λεγομένων, ἥτοι τὰς λέξεις μόνον ἢ τὰ ὑποκείμενα πράγματα γινώσκειν ἢ τὸ συναμφοτέρον. ἀλλὰ τὰ μὲν πράγματα, κἂν ἡμεῖς μὴ λέγωμεν, φαίνεται μὴ γινώσκειν. τούτων γὰρ τὰ μὲν ἐστὶ φυσικὰ τὰ δὲ μαθηματικὰ τὰ δὲ ἰατρικὰ τὰ δὲ μουσικὰ, καὶ δεῖ τὸν μὲν φυσικοῖς ἐπιβάλλοντα πράγμασιν εὐθύς φυσικὸν εἶναι καὶ τὸν μουσικοῖς μουσικὸν εἶναι καὶ τὸν μαθηματικοῖς εὐθύς εἶναι μαθηματικόν, καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως. ὁ μὲντοι γραμματικὸς <ὅτι> οὐκ ἐστὶν ἐν τῷ αὐτῷ πάνσοφος καὶ πάσης ἐπιστήμης δαίμων, σὺν τῷ καὶ αὐτόθεν προσπίπτειν, ἔτι καὶ τῶν ἀποτελεσμάτων ἐλέγχεται. [301] ποῦ γὰρ τις δύναται τῶν ὠφρυωμένων γραμματικῶν Ἡράκλειτον συνεῖναι καὶ Πλάτωνι παρακολουθῆσαι λέγοντι τῆς ἀμερίστου καὶ ἀεὶ κατὰ ταῦτα ἐχούσης οὐσίας καὶ τῆς περὶ τὰ σώματα μεριστῆς τρίτον ἐξ ἀμφοῖν συνεκεράσατο οὐσίας εἶδος, τῆς τε ταυτοῦ φύσεως καὶ τῆς θατέρου· καὶ ἤδη τὰ ἐξῆς, – περὶ τὴν λέξιν πάντες οἱ Πλάτωνος ἐξηγηταὶ ἐσίγησαν – ἢ ποῦ τοῖς Χρυσίππου διαλεκτικοῖς θεωρήμασιν ἢ Ἀρχιμήδους τε καὶ Εὐδόξου μαθηματικοῖς ἐπιβάλλειν ἰσχύσει; [302] καὶ μὴν ὡς ἐν τούτοις ἐστὶ τυφλός, οὕτω κἂν τοῖς περὶ αὐτῶν γραφεῖσι ποιήμασιν, οἷον Ἐμπεδοκλέους λέγοντος

χαίρετ', ἐγὼ δ' ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος, οὐκέτι θνητός,  
πωλεῦμαι μετὰ πᾶσι τετιμένος,

καὶ πάλιν

ἀλλὰ τί τοῖσδ' ἐπίκειμι' ὥσει μέγα χρῆμά τι πράσσω  
εἰ θνητῶν περιέειμι πολυφθερέων ἀνθρώπων;

ὁ μὲν γὰρ γραμματικὸς καὶ ὁ ἰδιώτης ὑπολήπονται κατ' ἀλαζονείαν καὶ τὴν πρὸς τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους ὑπεροψίαν ταῦτ' ἀνεφθέγγθαι τὸν φιλόσοφον, ὅπερ ἀλλότριόν ἐστὶ τοῦ κἂν μετρίαν ἔξιν ἐν φιλοσοφίᾳ ἔχοντος, οὐχ ὅτι γε τοῦ τοσούτου ἀνδρός. [303] ὁ δὲ ἀπὸ φυσικῆς ὀρμώμενος θεωρίας, σαφῶς γινώσκων ὅτι ἀρχαῖον ὅλως τὸ δόγμα ἐστὶ, τοῖς ὁμοίοις τὰ ὅμοια γινώσκεσθαι, ὅπερ ἀπὸ Πυθαγόρου δοκοῦν κατεληλυθέναι κεῖται μὲν καὶ παρὰ Πλάτωνι ἐν τῷ Τιμαίῳ, εἴρηται δὲ πολὺ πρότερον ὑπ' αὐτοῦ Ἐμπεδοκλέους

γαίη μὲν γὰρ γαῖαν ὀπώπαμεν, ὕδατι δ' ὕδωρ,  
ἠέρι δ' ἠέρα δῖον, ἀτὰρ πυρὶ πῦρ ἀίδηλον,  
στοργὴν δὲ στοργῆ, νεῖκος δέ τε νεῖκεῖ λυγρῷ,

συνήσει ὅτι ὁ Ἐμπεδοκλῆς θεὸν ἑαυτὸν προσηγόρευσεν, ἐπεὶ μόνος καθαρὸν ἀπὸ κακίας τηρήσας τὸν νοῦν καὶ ἀνεπιθόλωτον τῷ ἐν ἑαυτῷ θεῷ τὸν ἐκτὸς θεὸν κατείληφεν. [304] Ἀράτου τε μὴν γράφοντος

ὅσσον ἀπ' ὀφθαλμοῖο βολῆς ἀπολάμπεται αὐγή,  
ἐξάκις ἂν τόσση μιν ὑποδράμοι· αὐτὰρ ἐκάστη  
ἴση μετρηθεῖσα δῦω περιτέλλεται ἄστρα

οὐ γραμματικοῦ τοῦτο νοῆσαι, ὅτι ἡλικία ἐστὶν ἢ ἀπὸ τῆς ἡμῶν ὄψεως πρὸς τὴν ἀνατολὴν ἐκβαλλομένη εὐθεία, ἐξάκις αὕτη ληφθεῖσα τὸν ζῳδιακὸν καταμετρήσει κύκλον ὥστε δύο αὐτὴν ἀποτεμένεσθαι ζῳδία, ἀλλὰ μαθηματικοῦ, γραμμικῶς αὐτὸ ἀποδεικνύντος, ὅτι τὸ ἕκτον τοῦ ζῳδιακοῦ κύκλου μέρος ἀπὸ τῆς μέχρι τῆς ἀνατολῆς ἐκβαλλομένης εὐθείας καθέστηκεν. [305] Τίμωνός τε τοῦ Φλιασίου τὸν Πύρρωνα ἡλίῳ ἀπεικάζοντος ἐν οἷς φησι

μοῦνος δ' ἀνθρώποισι θεοῦ τρόπον ἡγεμονεύεις,  
ὅς περὶ πᾶσαν ἑλῶν γαῖαν ἀναστρέφεται,  
δεικνύς εὐτόρνου σφαίρας πυρρικαύτορα κύκλον,

δόξει μὲν τοῖς γραμματικοῖς κατὰ τιμὴν αὐτὸ λέγειν καὶ διὰ τὴν περὶ τὸν φιλόσοφον ἐπιφάνειαν· ἄλλος δὲ ἐπιστήσει μήποτε καὶ μάχεται [τὰ παραδείγματα] τῷ σκεπτικῷ βουλήματι τὰ ὑπὸ τοῦ Φλιασίου εἰς τὸν Πύρρωνα λεχθέντα, εἶγε ὁ μὲν ἡλίος τὰ πρότερον μὴ βλεπόμενα τῷ φωτὶ καταυγάζων δείκνυσιν, ὁ δὲ Πύρρων καὶ τὰ προδήλως ἡμῖν ληφθέντα τῶν πραγμάτων εἰς ἀδηλόγητα περισπᾶν βιάζεται. [306] τὸ δὲ οὐχ οὕτως ἔχειν φαίνεται τῷ φιλοσοφώτερον ἐπιβάλλοντι, ἀλλ' ἡλίῳ τρόπον ἐπέχειν φησὶ τὸν Πύρρωνα καθόσον <ὡς> ὁ θεὸς τὰς τῶν ἀκριβῶς εἰς αὐτὸν ἀτενιζόντων ὄψεις ἀμαυροῖ, οὕτω καὶ ὁ σκεπτικὸς λόγος τὸ τῆς διανοίας ὄμμα τῶν ἐπιμελέστερον αὐτῷ προσεχόντων συγγεῖ, ὥστε ἀκαταληπτεῖν περὶ ἐκάστου τῶν κατὰ δογματικὴν θρασύτητα τιθεμένων. [307] εἰ δὲ δεῖ περὶ ἰατρικῆς διεξέρχεσθαι θεωρίας, καὶ παριστᾶν ὡς καὶ ἐπίθετον πολλάκις προσριφέν ὑπὸ ποιητοῦ βαθὺν ἐμφαίνει καὶ ἐπιστημονικὸν νοῦν, οἷόν ἐστι τὸ 'βαθύσχοινον λεχεποῖην' παρ' Ὀμήρῳ. σημαίνει γάρ, ὃ μὴ δύναται νοῆσαι γραμματικὸς, <ὅτι> παραστατικὸν πρὸς συνουσίαν ἐστὶ τὸ τῆς σχοίνου σπέρμα, λέχος καλοῦντος τοῦ ποιητοῦ τὴν μῆξιν. [308] ἢ τὸ παρὰ τῷ Εὐριπίδῃ ἐπὶ τῇ Λυκομήδους θυγατρὶ Δηιδαμείᾳ λεγόμενον

ἢ παῖς νοσεῖ σου κάπικινδύνως ἔχει  
πρὸς τοῦ; τίς αὐτὴν πημονὴ δαμάζεται;  
μῶν κρυμὸς αὐτῆς πλευρὰ γυμνάζει χολῆς;

πυνθάνεται γὰρ μὴ τι πλευριτικὴ γέγονε διὰ τὸ τοὺς πλευριτικούς βήσσοντας ὑπόχολον ἀνάγειν. ὧν οὐδὲν οἶδεν ὁ γραμματικὸς.

[309] Καίτοι περιττὸν ἴσως ἐστὶν ἀπὸ τῶν ἀρχαιοτέρων καὶ τάχα ἐπιστημονικῶν δυσωπεῖν τοὺς ἀπὸ τῆς γραμματικῆς, ὅτε καὶ τὸ τυχὸν ἐπιγραμματίον οὐχ οἰοί τέ εἶσι νοῆσαι, καθάπερ καὶ τὸ ὑπὸ τοῦ Καλλιμάχου εἰς Διόδωρον τὸν Κρόνον συγγραφέν

ἠνίδε κου κόρακες τεγέων ἔπι 'κοῖα συνῆπται'  
κρῶζουσιν καὶ 'κῶς αὖθι γενησόμεθα'.

[310] ὅτι γὰρ διαλεκτικώτατος ἦν ὁ Κρόνος καὶ ἐδίδασκε πῶς κριτέον ἐστὶ τὸ ὑγιὲς συνημμένον, ὥστε διὰ τὸ ἐπικρατεῖν ἤδη τὴν διδασκαλίαν καὶ τοὺς ἐπὶ τῶν δωμάτων κόρακας ἐκ πολλῆς τῆς κατηγήσεως κρᾶζειν τὴν κατ' αὐτὸν τοῦ συνημμένου κρίσιν, εἴποι ἂν ὁ γραμματικὸς, καὶ μέχρι τούτου συνήσει τὸ καὶ παιδίοις γνώριμον. [311] ἑλθὼν δὲ καὶ ἐπὶ τὸ 'καὶ κῶς αὖθι γενησόμεθα' ἡσυχάσει, μὴ εὐρίσκων τὸ δηλούμενον πρᾶγμα. φιλοσόφου γὰρ ἦν εἰπεῖν ὅτι ἀρέσκει τῷ Διοδώρῳ μηδὲν κινεῖσθαι. τὸ γὰρ κινούμενον ἦτοι ἐν ᾧ ἔστι τόπῳ κινεῖται ἢ ἐν ᾧ μὴ ἔστιν· οὔτε δὲ τὸ πρῶτον οὔτε τὸ δεύτερον· οὐκ ἄρα κινεῖται τι. τῷ δὲ μηδὲν κινεῖσθαι τὸ μηδὲν φθείρεσθαι ἀκολουθεῖ.

[312] ὥς γὰρ διὰ τὸ μῆτε ἐν ᾧ ἔστι τόπω κινεῖσθαι τι μῆτε ἐν ᾧ μὴ ἔστιν οὐδὲν κινεῖται, οὕτως ἐπεὶ τὸ ζῶον οὔτε ἐν ᾧ ζῆ χρόνῳ ἀποθνήσκει οὔτε ἐν ᾧ μὴ ζῆ, οὐδέποτε ἄρα ἀποθνήσκει. εἰ δὲ τοῦτο, αἰεὶ ζῶντες κατ' αὐτὸν καὶ αὐθις γενησόμεθα.

[313] Οὐκοῦν τὰ μὲν πράγματα οὐ νοοῦσιν οἱ γραμματικοί. λείπεται τοίνυν τὰ ὀνόματα νοεῖν αὐτούς, ὃ πάλιν ἔστι ληρώδες. πρῶτον μὲν γὰρ οὐδὲν ἔχουσι τεχνικὸν εἰς τὸ λέξι γινώσκειν. οὐδὲ γὰρ ἐκ τέχνης τινὸς μεμαθήκασιν ὅτι οἱ παρὰ τῷ Σοφοκλεῖ ποιμένες 'ἰὼ βαλλήν' λέγοντες 'ἰὼ βασιλεῦ' λέγουσι φρυγιστί, ἀλλὰ παρ' ἄλλων ἀκούσαντες. διήνεγκε δὲ οὐδὲν ἢ βαρβάρου λέξεως ἐρμηνευτὰς γίνεσθαι ἢ τῆς κατὰ γλῶσσαν προενεχθείσης, ὁμοίως οὔσης ἀσυνήθους ἡμῖν. [314] εἶτα καὶ τοῦτ' ἀδύνατόν ἐστιν ἀπείρων οὐσῶν λέξεων καὶ ἄλλως παρ' ἄλλοις ὀνοματοποιηθεισῶν ἢ ἐπὶ πράγμασιν οἷς ἡμεῖς οὐκ ἴσμεν τεθεισῶν. οἷόν ἐστι τὸ <ἐβαρβάριζε τὸ ὄλον, ἔλκη ἔχον ἐν τῇ χειρί', τοῦ μὲν> ἐβαρβάριζεν ἀντὶ τοῦ ἐσύριζε κειμένου, βάρβαροι γὰρ οἱ Σύροι, τοῦ δὲ ὄλου ἀντὶ τοῦ παντός, ὄλον γὰρ καὶ πᾶν συνώνυμον, τοῦ δὲ ἔλκους ἀντὶ τῆς σύριγγος, εἶδος γὰρ ἔλκους ἢ σύριγγος· ὥστε τὸ ὄλον γίνεσθαι τοιοῦτον ἐσύριζεν ὁ Πάν, σύριγγας ἔχων ἐν τῇ χειρί'. [315] ἄλλως τε καὶ ποῦ ἴσασιν ἐνίας τῶν ἐπιστημονικῶν λέξεων οἱ γραμματικοί, καθάπερ τὴν παρὰ Ἀριστοτέλει ἐντελέχειαν ἢ τὸ τί ἦν εἶναι; ἢ ποῦ συνήσουσι τίνα δύναμιν ἔχει παρὰ σκεπτικοῖς ἢ 'οὐδὲν μᾶλλον' φωνή, πότερον πυσματική ἐστὶν ἢ ἀξιωματική, καὶ ἐπὶ τίνος τάσσεται, ἄρα γε τοῦ ἐκτὸς ὑποκειμένου ἢ τοῦ περὶ ἡμᾶς πάθους; [316] τί δὲ καὶ ἐροῦσιν ἐκ λέξεῶν τινῶν συντεθέντος τινὸς ποιήματος·

ἢ γὰρ σοὶ δισοοῖσιν ὑπ' οὔρεσι διττὸς ἐραστής  
 ἔφθιτο καὶ νεάτην μοῖραν ἔθηκε φύσιν.  
 ἄρθρω ἐν ἀσπιδόεντι βεβηκότα γυῖα καθ' ὄλμοῦ  
 βᾶσα τροχαντήρων ἄχρι περιστρέφεται  
 σμερδαλέα δ' ὑπένερθεν ἀλώπεκος ἄχρι δοχαίης  
 αἰῶνος χαλαρὰν σύνδρομον ἀρμονίης.

[317] τοὺς γὰρ ἐραστὰς οἵτινές εἰσι καὶ τὰ ὄρη καὶ τὸ ἀσπιδόεν ἄρθρον καὶ τοὺς τροχαντήρας, ἔτι δὲ καὶ τὸν ὄλμον καὶ τὰς ἀλώπεκας δοχαίην τε καὶ αἰῶνα καὶ ἀρμονίαν, μῆτε τροπικῶς μῆτε κατὰ ἱστορίαν ἀλλὰ κυρίως ἐξενεχθέντα ὀνόματα, κὰν μυριάκις ἐπιστήσωσιν, οὐ συνήσουσιν.

[318] Εἰ οὖν μῆτε τὰ πράγματα μῆτε τὰς λέξεις ἴσασιν, παρὰ δὲ ταῦτα οὐδὲν ἔστιν ἢ ποιήσεις ἢ τὸ σύγγραμμα, οὐκ ἂν ἔχοιεν τέχνην ἐξηγητικὴν τῶν παρὰ ποιηταῖς καὶ συγγραφεῦσι λεγομένων. ἄλλως τε καὶ εἰ χρήσομεν γραμματικῆς, ἐπὶ τῶν ἀρίστων ποιημάτων χρῆζομεν ἀλλ' οὐ τῶν μοχθηρῶν. ἄριστον δὲ ποιήμα ἐστὶ κατ' αὐτούς τὸ σαφές. [319] ἀρετὴ γὰρ ποιήματος ἢ σαφήνεια, καὶ μοχθηρὸν τὸ ἀσαφές παρὰ γραμματικῆ. οὔτε οὖν ἐπὶ ἀρίστου ἐστὶ ποιήματος χρειώδης διὰ τὸ μὴ δεῖσθαι ἐξηγήσεως σαφές ὄν, οὔτε ἐπὶ τοῦ μοχθηροῦ διὰ τὸ αὐτόθεν εἶναι μοχθηρὸν. [320] τό τε ἀνεπικρίτως διαφωνούμενον ἀκατάληπτόν ἐστιν, ἀνεπικρίτως δ' ἔτι διαφωνοῦσιν ἐν ταῖς ἐξηγήσεσιν οἱ γραμματικοὶ περὶ τῆς τοῦ συγγραφέως διανοίας· ἀκατάληπτος ἄρα ἐστὶν ἢ τοῦ συγγραφέως διάνοια, καὶ διὰ τοῦτο ἄχρηστος ἢ γραμματικῆ.

Ἄλλα γὰρ πρὸς μὲν τοὺς ἀπὸ τούτου τοῦ μαθήματος ἀναγομένους ἐπὶ τοσοῦτον εἰρήσθω· ἀπ' ἄλλης δὲ ἀρχῆς σκεψόμεθα καὶ πρὸς τοὺς ῥήτορας ἃ δεῖ λέγειν.

**Contra os Gramáticos (M 1. 270–320)<sup>1</sup>****A parte da gramática que trata de poetas e escritores é inconsistente (*asystaton*)**

[270] A parte da gramática que trata de poetas e escritores também já se encontra praticamente destruída, por termos demonstrado a impossibilidade da exposição *técnica* e da parte *histórica*, e sem essas não se pode pôr em prática qualquer exegese (*exegesis*) da poesia. No entanto, vamos nos esforçar em considerar o que se pode dizer de maneira geral também aqui, especialmente porque os gramáticos depositam tal confiança nessa parte que ousam aí apoiar-se para provar que a gramática é útil para a vida e indispensável para a felicidade. De qualquer forma afirmam que a poesia (*poietike*) contribui em muito para uma vida feliz e com sabedoria, e que sem a luz da gramática não é possível discernir o que os poetas querem dizer em cada passagem, de forma que a gramática é útil.<sup>2</sup>

[271] Que a poesia frequentemente contribui para a felicidade é evidente<sup>3</sup> pelo fato de que a filosofia, que na realidade tem mais poder e é formadora de caráter, teve suas raízes primeiras nos ditos gnômicos dos poetas, e por isso os filósofos, num tom exortativo, usavam passagens poéticas para validar, por assim dizer, seus próprios dizeres. Assim, o que exorta a virtude diz: *A virtude, mesmo que a pessoa morra, não perece* [Eurípides, *Temenidas*, fr. 734 Nauck<sup>2</sup>]; o que nos conclama a evitar a avareza profere: *Não me fales de Riqueza, eu não venero um deus / a quem até o mais vil facilmente conquista* [Eurípides, *Éolo*, fr. 20 Nauck<sup>2</sup>]; e outro, que aconselha a autossuficiência, confirma sua doutrina com o que disse Eurípides: *O que é preciso para os mortais senão duas coisas somente, / o alimento de Deméter e a água que flui, / e das duas nos provê a natureza?* [fr. 892 Nauck<sup>2</sup>]<sup>4</sup>

[272] E não é incomum que outros filósofos também façam o mesmo; encontraremos mesmo os que acusaram a gramática, Pirro e Epicuro, admitindo que seja necessária. Diz-se que Pirro estava sempre lendo a poesia homérica e que não o faria se não reconhecesse a utilidade dela e, por essa razão, a necessidade da gramática.<sup>5</sup>

[273] E Epicuro, por seu lado, foi acusado de tomar dos poetas a parte realmente importante de suas doutrinas. Com efeito, alegou-se que teria tirado o “limite da intensidade do prazer” como sendo “a extinção de toda dor” [RS 3] deste único verso: “*Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado*” [*Iliada*, 1. 469]. E Epicarmo<sup>6</sup> já havia mostrado a ele que “a morte não é nada para nós” [DL 10.124; Lucrécio, *De rer. nat.* III 830ss], ao dizer: *Morrer ou estar morto não faz diferença para mim.*<sup>7</sup> [fg. 23B 11DK]. E, da mesma forma, teria roubado deste verso escrito por Homero a ideia de que os corpos mortos são insensíveis<sup>8</sup>: “*pois contra terra insensível, apenas, a fúria exercita*” [*Iliada*, 24. 54].

[274] E, de fato, não apenas essas coisas se revelaram muito bem expressas pelos poetas, mas também o que dizem sobre os deuses, por exemplo, Eurípides em seu *Frixo*: *Qualquer mortal que acredite poder fazer o mal / dia após dia e passar despercebido pelos deuses / é leviano, e sucumbirá à sua própria leviandade, / tão logo a justiça tenha tempo livre.*<sup>9</sup> [fr. 835 Nauck<sup>2</sup>]

Pois bem, se de fato esses dizeres e outros semelhantes são úteis, mas não se pode compreendê-los sem a ajuda da gramática, então a gramática também será algo útil para a vida.

[275] E, conforme dizem, a gramática traria, além do mais, algumas vantagens especiais para as pátrias daqueles que se instruem nela.<sup>10</sup> Ao menos se diz que os lebedianos estavam disputando com seus vizinhos acerca de Camandodo e que seu gramático venceu a disputa ao citar Hipônax: *E não me venha com figos lebedianos de Camandodo*. [fr. 124 West<sup>2</sup>]

E por tornar bons em conversação os homens que se dedicam a ela, evidentemente que neste sentido também trará, em muitas circunstâncias, benefícios para seus próximos. [276] Isso se verifica a partir dos próprios resultados. Pois Sóstrato, segundo dizem, foi enviado por Ptolomeu a Antígono, para tratar de algum assunto do interesse real e, quando este lhe respondeu de forma precipitada, teria obtido êxito ao contestar: “*Abalador poderoso, desejas que a Zeus, em verdade, / dê, de tua parte, um recado tão duro e insolente como esse? / Não será bom refletires? Os homens sensatos são dóceis.*” [Ilíada, 15. 201–203] Com efeito, ao escutar tais palavras, Antígono mudou de ideia.

[277] De fato, há muitos argumentos semelhantes em favor da enorme utilidade da parte da gramática que trata de poetas e escritores, mas vamos nos dar por satisfeitos com os já expostos, como um padrão, e passaremos a contra-argumentar cada um deles.

Pois bem, o argumento de que a poesia gnômica é útil para a vida e o princípio da filosofia e que a interpretação dela compete à gramática, realmente é típico de um gramático. [278] Porque, em primeiro lugar – e coincidimos com eles ao não levantar acusações contra a poesia<sup>11</sup>, – é evidente que aquilo que nos poetas é necessário e útil para a vida, tais como as máximas de sabedoria e as exortações, estará já claramente formulado e não será preciso explicação gramatical; e o que não está dito claramente e precisa de explicação gramatical, como o que está escrito de forma enigmática ou em histórias insólitas (*xenai*), é de todo inútil.<sup>12</sup> De forma que a utilidade da gramática não sobrevém do benefício que nos trazem aquelas primeiras, e acaba por acomodar-se à futilidade<sup>13</sup> destas últimas.

[279] Ademais, uma máxima é apenas uma asserção, como a seguinte: *Um único conselho sábio conquista muitas mãos, / mas a ignorância aliada à multidão é o pior dos males*. [Eurípides, *Antíope*, fr. 200 Nauck<sup>2</sup>] E uma asserção não é capaz de convencer o intelecto da propriedade do que é dito, mas é preciso haver provas. E não é tarefa da gramática, mas da filosofia, dar provas do que está, ou não, apropriadamente dito.<sup>14</sup> Assim, também dessa maneira, a gramática acaba por ser vã e supérflua.

Na verdade, se é por causa das muitas coisas que os poetas dizem de maneira tão adequada e proveitosa para a vida que a pitonisa gramatical deles é útil, então, visto que o número de coisas que eles disseram de maneira deplorável e ofensiva à vida é muito maior, ela se tornará inútil. Pois, assim como há um que diz: *Não me fales de Riqueza; eu não venero um deus / a quem até o mais vil facilmente conquista*; [Eurípides, *Éolo*, fr. 20 Nauck<sup>2</sup>] também haverá o que declara o contrário: *Ó, ouro, para os mortais a mais bela posse. / Para os homens, tal prazer não nos dá, / nem a mãe, nem os filhos, nem um pai querido, / tal como fazes tu, e aqueles que te têm em casa*. [Eurípides, *Dânae* fr. 324 Nauck<sup>2</sup>] E também: *Sejas bem-sucedido: amizades não existem na miséria*. [Eurípides, *Fenícias* 403] e *A mais bela das melodias é a voz de um homem rico*. [fr. *adesp.* 464 Nauck<sup>2</sup>]



[280] Frente a tão díspares afirmações, feitas sem prova, os homens tendem à escolha do pior, e é por esse motivo que a poesia é vista como algo nocivo. E quando se distingue o que deve ser preterido do que deve ser preferido, não é a gramática que é útil, mas aquela que tem a capacidade de diferenciá-los, ou seja, a filosofia. E não são os que legitimamente (*gnesios*) filosofam que fazem uso dos testemunhos de poetas (pois, no caso desses, seu próprio raciocínio é o bastante para convencer), mas aqueles que iludem as multidões nas praças públicas.<sup>15</sup>

[281] Certamente não é difícil demonstrar que os poetas se contradizem e cantam o que quiserem do modo como quiserem, quando mesmo os que são de fato<sup>16</sup> filósofos frequentemente dizem coisas contraditórias. Pirro, um dos acusadores da gramática, estava constantemente a ler a poesia homérica, mas não certamente pela razão mencionada, mas talvez para entreter-se (*psukhagogia*)<sup>17</sup>, como se estivesse assistindo a uma comédia, e talvez também para observar estilos (*kharakterai*) e figuras poéticas. [282] Pois se diz que Pirro teria ele próprio escrito um poema para Alexandre da Macedônia e teria sido gratificado com mil moedas de ouro. E não é improvável que existam também outras razões, e sobre elas nos debruçamos em nossas *Pirrônicas*<sup>18</sup>.

[283] E Epicuro não tomou de Homero o “limite da intensidade do prazer”. Porque difere muitíssimo dizer que alguns homens pararam de comer e de beber e de satisfazer seus desejos (pois isso é o que diz o verso: *Então, quando aplacaram o desejo de comer e beber [Ilíada, 1. 469]*), de dizer que “o limite da intensidade do prazer” é “a extinção de toda dor”. Pois isso não sobrevém naturalmente somente com a carne e o vinho, bastam os alimentos mais simples.

[284] Por outro lado, o poeta fez essa afirmação apenas sobre as coisas que eles tinham ingerido, mas o limite de Epicuro se estende a todas as coisas prazerosas (*apolausta*), incluídas aí as relações sexuais e todo mundo sabe qual era o pensamento de Homero a esse respeito.<sup>19</sup> Talvez Sófron<sup>20</sup> tenha mesmo dito que a morte não é nada para nós, mas quem o demonstrou foi Epicuro — e o admirável não é dizer, mas provar.

[285] Além do mais, Epicuro não disse que “a morte não é nada para nós” no sentido de que não há diferença entre viver ou estar morto (pois viver é de longe muito melhor, já que o bem (*to agathon*) pertence aos que podem sentir), mas porque na ausência de sensações não há bem nem mal.<sup>21</sup> E, com efeito, todo mundo sabe que os corpos mortos são insensíveis, não apenas o poeta. Assim, uma mãe, repetindo lamentos pelo filho morto, diz “tu não sentes nada, e eu sofro miseravelmente”, e com os olhos fixos nele exclama: “de que te serve isso agora?”

[286] E tudo isso não nos impede de, ao procurar com alguma atenção, encontrar o poeta a expressar justamente a opinião contrária. Assim, as almas estão comumente sedentas de sangue: “*Mas, para o lado do fosso retira-te e a espada recolhe, para que eu possa do sangue provar e dizer-te a verdade*”. [Odisseia, 11. 95-6]<sup>i</sup> E Tântalo permanece no pântano onde: ...

<sup>i</sup> Blank, *ad loc.*, deleta {ὁ δὲ Τιτυὸς ὑπὸ γυπῶν διὰ τὴν ἐπιθυμίαν ἠπατοφαγεῖται}: [O fígado de Tício é devorado pelos abutres por causa de sua luxúria]. Sexto menciona o suplício de Tício, bem como o de Tântalo, de maneira a criticar a contradição dos versos homéricos acerca das sensações de alguém que já está morto, nos *Contra os Físicos* M 9. 68-70: ‘todo aquele que sofre é mortal.’



com água a bater-lhe no queixo. / Sede sofria; mas era impossível jamais minorá-la [Odisseia, 11. 583-584].<sup>22</sup>

[287] E, quanto ao que foi dito por Eurípides sobre os deuses, até as pessoas comuns têm a mesma opinião. Pois dá na mesma dizer isto: *Qualquer mortal que acredite poder fazer o mal / todos os dias e passar despercebido pelos deuses / é leviano, e sucumbirá à sua própria leviandade, / tão logo a justiça tenha um tempo livre*; [fr. 835 Nauck<sup>2</sup>] ou, como dizem muitos: *Lentamente moem os moinhos dos deuses, mas moem muito fino*<sup>23</sup>; a única diferença está no tipo de metro<sup>24</sup>.

[288] E se alguém procurar com atenção descobrirá que são muito piores as suposições dos poetas que aquelas das pessoas comuns. Mesmo que nosso proclamado “dramaturgo filósofo”<sup>25</sup> ainda pareça bastante moderado quando diz não saber a quem faz suas súplicas: *Ó Zeus, suporte da terra e que sobre a terra tens teu assento, / Quem quer que seja, ser inescrutável, / Necessidade da natureza ou mente dos mortais, / A ti dirijo minhas súplicas!* [Eurípides, *Troianas* 884-7]

[289] De acordo com Xenófanes de Cólofon, Homero e Hesíodo *fizeram alarde de inúmeros atos criminosos dos deuses: / roubar, trair e enganar uns aos outros*. [Xenófanes, B12 DK] Com efeito, Crono<sup>26</sup> (e dizem que a vida era só felicidade em seu tempo) castrou o pai e devorou os filhos, e quando foi deposto pelo seu próprio filho Zeus, este “*pôs Crono embaixo da terra fecunda e do mar incansável*.” [Iliada, 14. 204-205] [290] E contra Zeus conspiraram seus próprios familiares, e Tétis foi quem o ajudou, “*quando outros deuses do Olimpo em liame quiseram prendê-lo, Hera e Posido, de escuros cabelos, e Palas Atena*.” [Iliada, 1. 399-400], pois Zeus é muito cruel, não lhe bastou ter posto na forca a irmã e esposa, como se houvesse profanado um templo, mas ainda a insultou dizendo: “*Ou não te lembras do tempo em que no alto ficaste, suspensa, / com duas grandes bigornas, nos pés amarradas, e algemas / de ouro, infrangíveis, nos punhos? Pendeste das nuvens, desta arte, / indignação provocando nos deuses do Olimpo*” [Iliada, 15. 18-21] [291] E, tomado de cólera, do céu atirou abaixo Hefesto, que “*foi ter a Lemno, sem dar quase mostras de ainda estar vivo*” [Iliada, 1. 593]. Também desdenha do irmão, dizendo “*seu tenebroso palácio, que até pelos numes é odiado*” [Iliada, 20. 65-66]. Some-se a sua crueldade, sua intemperança. Ao ver Hera toda arrumada sobre o monte Ida, não se conteve e, sem esperar que chegassem ao quarto, ali mesmo rolou no chão com sua mulher, e “*Fez, logo, que erva florida da terra divina crescesse, / loto rociado e virente, açafreão prazenteiro, e jacinto*” [Iliada, 14. 347-348]

[292] Assim, pois, revelada a inconstância da poesia, percebe-se a inutilidade da gramática, já que não é capaz de apontar quais coisas devemos crer como verdadeiras e quais desacreditar como falsos mitos.

[293] Mas se dizem que a gramática é útil para uma cidade, porque os lebedianos obtiveram uma vitória graças a uma citação poética, nós diremos que, no que depender dessa relação, também a dança é necessária. Pois Sóstrato, bailarino de Antíoco, quando o rei tomou sua cidade natal, Priene, à força, ao ser obrigado a dançar no banquete de comemoração, disse não ser correto dançar a dança da liberdade enquanto sua pátria era escravizada, e por causa disso a cidade foi libertada.<sup>27</sup>

[294] Além disso, uma coisa é ser útil para a cidade, outra é ser útil para nós mesmos. Assim, o ofício do sapateiro e o do ferreiro são necessários para a cidade, mas não é necessário tornarmo-nos sapateiros ou ferreiros para alcançar a felicidade. Por isso, a gramática também não nos é necessariamente útil, mesmo que seja útil para a cidade. E a arte da conversação não é do tipo que sobrevém da gramática, mas sim de alguma aptidão comum; [295] a não ser que Dêmades o orador, fosse também gramático, pois, feito prisioneiro junto com muitos outros atenienses depois da derrota em Queroneia, disse a Felipe, que tentava obrigá-lo a participar de um banquete<sup>28</sup>: “*Haverá quem se julgue dotado de espírito justo / e que se atreva, em verdade, a tocar em comida ou bebida / antes de os sócios haver libertado e de os ter sob os olhos?*” [Odisseia, 10. 383-385]

[296] Tais são, portanto, as objeções que se colocam contra as reivindicações dos gramáticos. Principalmente, deve ser dito que se apenas os poetas fossem úteis para a vida, talvez a gramática, por se ocupar deles, pudesse vir a ser útil para a vida; por ora, já que são de nenhuma ou pouca utilidade, e os filósofos e demais escritores em prosa é que ensinam o que é útil, não precisamos da gramática.

[297] Que os escritores, mais que os poetas, mostram o que é útil para vida, infere-se facilmente. Pois o objetivo dos primeiros é a verdade, já os outros querem de toda forma entreter, e muito mais que a verdade, é o falso que entretém. Assim, devemos preferir nos aliar aos primeiros e não aos últimos, que deliberadamente perseguem o falso.

[298] Em geral, no que se refere aos poetas, a poesia não é apenas desnecessária para a vida, é também muito prejudicial. Pois a poesia se faz fortaleza para as paixões humanas, e assim como *a mais doce palavra para um velho é a de outro velho* [fr. com. adesp. 1206 (= 3, 606 Kock)], os loucos de amor e os bêbados exaltam-se ainda mais ao lerem a poesia de Alceu e Anacreonte, e os irascíveis tomam por mestres em seus vícios a Hipônax e Arquíloco.

[299] Pois bem, isso é o que outros dizem sobre o assunto, principalmente os epicuristas; levantemos nós, que não temos nada contra a poesia, outro tipo de refutações contra aqueles que creem possuir na gramática uma arte para discriminar o que é dito por poetas e escritores.<sup>29</sup>

[300] Assim como toda composição em prosa ou poesia consiste de palavras e de coisas, ou seja, palavras que expressam e coisas que são expressadas, o gramático, se possui a arte de analisar o que é dito por poetas e prosadores, deve conhecer as palavras, ou as coisas subjacentes, ou ambas juntas. E, nem é preciso dizer, parece que não conhece as coisas. Com efeito, trata-se de coisas que são próprias tanto do estudo da natureza, quanto da astronomia, ou da medicina, e também da música. E convém àquele que lida com coisas da natureza, ser, obviamente, um filósofo da natureza; da música, convém ser músico; da astronomia, ser, claro, um astrônomo; e assim por diante. Mas o gramático certamente não é alguém que ao mesmo tempo é sábio em tudo e domina todas as áreas do conhecimento (*episteme*), o que, além de ser imediatamente óbvio, também se prova através de resultados.<sup>30</sup>

[301] Por onde andaria tão orgulhoso gramático capaz de entender Heráclito<sup>31</sup>, ou acompanhar Platão quando diz: “do que tem substância indivisível e sempre na mesma condição, e da substância que está dividida em vários corpos, misturando ambas, compôs

uma terceira forma, com natureza de uma e de outra”<sup>32</sup> [Platão, *Timeu* 35a] e a sequência<sup>ii</sup>; ou que teria força para lançar-se aos teoremas dialéticos de Crisipo, ou aos matemáticos de Eudoxo e Arquimedes?

[302] Certamente, da mesma maneira que estaria como cego frente a tais coisas, também estaria frente aos poemas escritos sobre elas, por exemplo, quando Empédocles<sup>33</sup> diz: *Eu vos saúdo como um deus entre vós, não mais mortal, / e vou, honrado por todos.*<sup>34</sup> [B112 4-5DK]; e também: *Mas por que me debruço sobre isto como se fosse importante, / se sou superior aos homens mortais tão perecíveis?* [B113 DK]

Gramático e homem comum iriam supor que o filósofo se expressou assim por ser pretensioso e desprezar os outros homens – comportamento que seria estranho mesmo em alguém medianamente versado em filosofia, sem falar de um homem da envergadura de Empédocles. [303] Mas, quem parte da teoria natural sabe que a doutrina de que pelo similar se conhece o similar é realmente antiga; procede, supõe-se, de Pitágoras, e aparece mesmo no *Timeu* de Platão, além de ter sido expressa muito antes pelo próprio Empédocles: *Pois pela terra entendemos a terra, pela água a água, / pelo éter o éter divino, e pelo fogo o fogo que destrói, / pelo amor o amor, e a violência pela violência que corrompe;* [B109 DK]. Assim, esse homem compreenderá que Empédocles nomeou a si mesmo “deus” porque somente ele preservou sua mente livre de maldade e impureza, e compreendeu o deus exterior através do deus em si mesmo.<sup>35</sup>

[304] Quando Arato escreve: *O brilho do raio que parte do olho, / seis vezes percorrido em si mesmo: e cada um, / de igual medida, dois astros zodiacais comporta*<sup>36</sup> [Arato, *Fenômenos* 541-3]; não é coisa de gramático saber que a medida da linha reta que parte de nossos olhos ao orto solar, se multiplicada seis vezes, dará a medida do círculo zodiacal, de tal forma que ela própria cortará dois signos do zodíaco. Mas um matemático sim, ele demonstra geometricamente (*grammikos*)<sup>37</sup> que a sexta parte do círculo do zodíaco fica sobre<sup>iii</sup> a linha reta traçada até o orto solar.

[305] Quando Tímon de Fliunte compara Pirro ao sol, dizendo: *Sozinho, aos homens governas, como o deus / em circular caminhada rodeia toda a terra, / e deixa ver o orbe ardente em fogo de sua bem lavrada esfera* [fr. 841.5-7 Lloyd-Jones/Parsons]<sup>38</sup>, para os gramáticos vai parecer que o diz por honrarias e para aumentar a fama acerca do filósofo. Mas outra pessoa poderá verificar que, comprovadamente, isso que diz de Pirro está em conflito com os exemplos<sup>iv</sup> que Tímon apresenta para as aspirações célicas, pois, se o sol ilumina o que antes não se via e o revela; Pirro, ao contrário, lança violentamente para a obscuridade o que antes estava claro para nós.

<sup>ii</sup> Blank, *ad loc.*, deleta {– περὶ τὴν λέξιν πάντες οἱ Πλάτωνος ἐξηγηταὶ ἐσίγησαν –}:{(sobre esta passagem todos os intérpretes de Platão guardaram silêncio)}. Dalimier, *ad loc.*, mantém a passagem e modifica τὰ ἐξῆς (anterior à supressão de Blank) por τὸ ἐξῆς, obtendo assim: ‘o significado atribuído à expressão, foi mantido em segredo por todos os comentadores de Platão.’ Ver também Bett, *ad loc.*

<sup>iii</sup> Blank, *ad loc.*, com Blomqvist, p. 12: por ἀπὸ, ἐπὶ.

<sup>iv</sup> Blank, *ad loc.*, com Giusta, p. 429: retém τὰ παραδείγματα.

[306] No entanto, para quem tem uma abordagem mais filosófica, é nítido que não é isso. Esse dirá que Pirro, à maneira do sol, faz suspender o julgamento. Da mesma forma que o deus obscurece os olhos daqueles que o encaram diretamente, o raciocínio cético confunde os olhos do entendimento dos que lhe dedicam uma atenção concentrada, assim, cada um dos argumentos que nos oferece a excessiva arrogância dogmática se torna inapreensível.

[307] E, se é preciso estender a discussão para a teoria médica, também aconteceu<sup>v</sup> de muitas vezes um adjetivo dito, sem mais, pelo poeta revelar um sentido profundo e científico, como por exemplo: “leito feito de juncos densos” usado por Homero [*Ilíada*, 4. 383], cujo significado um gramático não pode alcançar, isto é, que a semente do junco encoraja a relação sexual, e o poeta chama “leito” ao ato sexual.<sup>39</sup> [308] Ou o que é dito por Eurípides acerca da filha de Licomedes, Deidâmia: *Sua filha está doente e está correndo risco./ Por quê? Que intruso a agride?/ Acaso não é um frio que molesta seu flanco com bile?* [Eurípides, *Esquirenses* fr. 682 Nauck<sup>2</sup>] Pois está perguntando se ela não sofre de pleurisia, já que os que padecem dessa enfermidade tosse bile. Nada disso sabe o gramático.

[309] Contudo, talvez seja demais constranger os que se dedicam à gramática com questões sobre coisas muito antigas e provavelmente específicas, quando não são sequer capazes de compreender um epigrama qualquer, como, por exemplo, o que escreveu Calímaco<sup>40</sup> sobre Diodoro Crono: “*Veja lá, os corvos sobre os telhados gralhando: ‘De que tipo são as condicionais?’ e ‘Como seremos de novo?’*” [fr. 393.3 Pfeiffer] [310] Pois Crono<sup>41</sup> era um grande dialético e ensinava como se deve julgar a validade das proposições condicionais<sup>42</sup>, de forma que, por causa da influência de seus ensinamentos, até mesmo os corvos sobre as casas, de tanto ouvirem, gralhavam seu critério para as proposições condicionais. Isso o gramático diria, e até aqui não vai além do que sabem mesmo as crianças. [311] Mas quando chega a “como seremos de novo” cala-se, por não encontrar o objeto a que se refere. Pois é tarefa do filósofo dizer que a opinião de Diodoro é a de que nada se move.<sup>43</sup> Pois o que se move, ou se move no lugar em que está ou no lugar em que não está, e não se move no primeiro, nem no segundo: logo não se move. Se nada se move, nada perece. [312] Pois, assim como nada se move, já que não se move no lugar em que está, nem tampouco no que não está, do mesmo modo o que está vivo não morre quando está vivo, nem, tampouco, quando não está vivo; conseqüentemente, não morre nunca. E se é assim, vivemos para sempre, segundo ele, e seremos de novo.<sup>44</sup>

[313] Portanto, os gramáticos não compreendem as coisas a que as palavras se referem. Faltou então considerar que compreendam as palavras, o que é novamente um disparate. Primeiro, porque não possuem *técnica*<sup>45</sup> para conhecer a palavra. De fato, não foi a partir de nenhuma arte que ficaram sabendo que os pastores em Sófocles quando dizem “*io ballen*”, estão dizendo “*io basileu*”, ou seja, “Ai, rei!” em frígio [fr. 515 Radt], mas porque ouviram de outros. E não haverá diferença entre interpretar palavras estrangeiras ou aquelas raras, pois são igualmente incomuns para nós.<sup>46</sup>

[314] Segundo, tal coisa é impossível, porque as palavras são infinitas e se formam de inúmeras maneiras diferentes, em lugares diferentes, ou são usadas para nomear coisas que

<sup>v</sup> Blank, *ad loc.*, com Bury, que segue Hervetus: <ἔστιν>.

sequer conhecemos. Como por exemplo: “falava inteiramente como um estrangeiro, com as mãos feridas”, em que “falar como um estrangeiro” está por “tocar siringe” (*esyrize*), pois os sírios são estrangeiros; e “inteiramente” (*holon*) está por “todo” (*pan*), ou seja, “*pan*”, que soa como Pã; e “ferida” está por “siringe”, já que uma flauta tem aberturas como feridas. E assim a frase toda seria algo como: “Tocou Pã com sua siringe em mãos”.<sup>47</sup>

[315] Além disso, como os gramáticos saberiam o que significam certas palavras científicas como, por exemplo, “a enteléquia” ou o “o que era para ser” (*to ti en einai*), de Aristóteles?<sup>48</sup> Ou como entenderão a força que tem junto aos cétricos a expressão “nada é mais” (*ouden mallon*)? Se é interrogativa ou declarativa, e a que se aplica: ao que nos é exterior (*to ektos hupokeimenon*) ou a nossos sentimentos (*pathoi*)?<sup>49</sup>

[316] E o que dirão de tal poema composto em termos tais: *Poderias<sup>6</sup> tu, sob as montanhas gêmeas, como dois amantes, / perecer e por destino uma natureza mais baixa adquirir. / Membros articulados igual serpente, o corpo todo, / do tronco ao trocânter, revolvendo-se, / e por baixo do receptáculo terríveis raposas reúnem-se / pela eternidade da harmonia do amante.*<sup>7</sup>

[317] Quem são os “amantes”, as “montanhas”, a “articulação igual serpente”, ou o “trocânter”, ou o “tronco”, ou as “raposas”, ou o “receptáculo”, ou a “eternidade”, ou a “harmonia”? – e não são expressões figurativas ou cujo sentido se precisa levantar historicamente<sup>50</sup>, mas estão sendo usadas em um sentido próprio (*kurios*)<sup>51</sup>. Ainda que mil vezes o vasculhem não compreenderão.<sup>52</sup>

[318] Portanto, se não conhecem nem as coisas e nem as palavras, e prosa e poesia são isso e nada mais, eles não podem ter uma arte capaz de interpretar o que é dito por poetas e escritores. Além disso, se fôssemos fazer uso da gramática, seria para os melhores poemas e não para os ruins. Mas, de acordo com eles, o melhor poema é o que está claro, [319] pois clareza é virtude (*arete*) em um poema, e a falta de clareza é ruim, segundo a gramática. Assim, portanto, a gramática não tem utilidade quando se trata de um poema muito bom, porque é claro e não precisa de explicação; nem é útil para o poema ruim, porque é, de imediato, ruim.

[320] E também, aquilo sobre que se discorda indefinidamente é inapreensível, e os gramáticos discordam indefinidamente acerca das interpretações do pensamento (*dianoia*) dos escritores. Logo, inapreensível é o pensamento dos escritores, e por isso a gramática é inútil.<sup>53</sup>

Porém, contra os que se dedicam a essa disciplina, certamente deve bastar o que já foi dito. E, a partir de outro princípio, vamos considerar o que precisa ser dito contra os retóricos.<sup>54</sup>

<sup>vi</sup> Blank, *ad loc.*, com Blomqvist, p. 17: εἰ por ἦ nos MSS.

<sup>vii</sup> Blank, *ad loc.*: modificado, com Blomqvist, p. 13-18.



## Notas à tradução

<sup>1</sup> Nossa preocupação principal foi encontrar equilíbrio entre a imprescindível permanência e padronização de termos e conceitos técnico-filosóficos e a fluência da argumentação, salvaguardando características do estilo retórico sextiano, sem nos restringirmos a mimetizar propriedades da língua grega em português. A padronização de termos acontece por ser necessário preservar, ainda que artificialmente, a especificidade daquele termo em um contexto maior, que o relaciona a uma tradição. Tal tradição, no entanto, não é somente, e necessariamente, a do contexto de produção. Pelo contrário, é geralmente a do contexto de recepção. Procuramos, portanto, não perder de vista o lugar em que se insere nossa contribuição, herdeira dessa tradição. As notas de fim procuram esclarecer o leitor acerca de nosso caminho interpretativo e disponibilizar informações que permitam visualizar outras associações e leituras diferentes da nossa. O leitor encontra disponível em português uma tradução completa do *Contra os Gramáticos*: Brito e Huguenin, 2015. Nosso texto grego de base, diferentemente dessa tradução mencionada, é o de J. Mau e H. Mutschmann, *Sexti Empirici opera*, vol. 3, 2ª edição, Leipzig: Teubner, 1961, presente no *corpus online Thesaurus Linguae Graecae*. A mesma edição serviu de base para a tradução de Blank (1998) e a de Bett (2018). Bury (1949), para as edições Loeb, segue o texto de I. Bekker (1842). Acatamos, de modo geral, as modificações feitas por Blank e anotadas em sua tradução. Quando seguimos uma inserção sugerida por Blank, informamos em nota de rodapé e usamos o sinal <...>. No caso de uma supressão, a nota de rodapé traz o texto grego suprimido usando os símbolos: {...}. Os trechos de poesia citados por Sexto, com exceção das citações da *Iliada* e da *Odisseia*, em que usamos, para todas as ocorrências, as traduções de Carlos Alberto Nunes, foram traduzidos sem fazer uso de recursos poéticos.

<sup>2</sup> Os argumentos gerais da “parte da gramática que trata de poetas e escritores” analisados por Sexto na sequência não estão relacionados às práticas anteriormente vinculadas a essa parte: leitura, exegese e julgamento de poemas (§ 251), em que julgamento de poemas se referia à interpretação das passagens obscuras, julgamento do que está correto ou não, e distinção do genuíno ou espúrio (§ 93). Antes, voltam-se à reivindicação da gramática quanto ao seu papel central na educação do homem através da literatura. Blank (1998, p. 281-287) vincula toda esta passagem: exposição dos argumentos dos oponentes (§ 270-276) e refutação (§ 277-298), a uma provável fonte epicurista e traça diversos paralelos principalmente com os escritos de Filodemo. Embora as raízes dessas questões retrocedam, no mínimo, a discussões platônicas no *Protágoras*, *Eutífron*, *Íon* e *República*, Blank reconhece um ataque epicurista contra Asclepiades, e o pensamento gramatical representado por ele, que parece ter defendido a primazia da poesia sobre a filosofia. Contudo, o alvo dos epicuristas seriam os estoicos e sua sabedoria calcada em citações poéticas. Sexto afirma em § 299 que os argumentos contra a poesia foram tomados principalmente dos epicuristas e em § 278 faz um adendo para apontar



que o argumento não é contra a poesia e, assim, coincide com seu ponto de vista, provavelmente um argumento de origem pirrônica como o que aparece em § 319, ver nota 61 abaixo. O ataque propriamente sextiano visa a gramática e não a poesia.

<sup>3</sup> Convém considerar que Sexto não sustenta tais pontos de vista, mas apresenta um resumo da posição dos gramáticos.

<sup>4</sup> Fragmento de uma peça desconhecida de Eurípides. Aulo Gélio (*Noites Áticas* VI 16) diz que Crisipo costumava citá-la.

<sup>5</sup> A justaposição de acusações contra Epicuro e Pirro/Tímon aconteceu também em § 49-55. Note que não se fazem acusações a Pirro acerca do roubo de doutrinas aos poetas.

<sup>6</sup> Epicarmo é um poeta cômico siciliano do século V a.C. Diógenes Laércio (3. 9) diz que Platão utilizou muitas expressões que eram na verdade de Epicarmo.

<sup>7</sup> A mesma passagem é atribuída a Sófron (autor de mimos, posterior a Epicarmo) em § 284.

<sup>8</sup> cf. Epicuro, *Carta a Meneceu*, 124: “a morte é a ausência de sensação”.

<sup>9</sup> A passagem é citada mais à frente § 287 com uma pequena modificação: *touphemeron por kath' hemeran* (“dia após dia”).

<sup>10</sup> Este argumento parece ter sido um lugar-comum nos discursos de exaltação às artes; Cf. *M* 2. 26.

<sup>11</sup> Ver nota 27 abaixo.

<sup>12</sup> No caso de este argumento ser da lavra do próprio Sexto, poder-se-ia supor que expõe um julgamento de valor entre a poesia útil: clara e direta; e a inútil: enigmática e obscura.

<sup>13</sup> *Mataioteti*: ver o uso do adjetivo *mataios* (“fútil”) em § 170 e 174.

<sup>14</sup> Um argumento semelhante aparece em § 157 e 188, mas, naquele ponto, tanto a prova quanto a asserção levam a consequências inaceitáveis. Nesta passagem, a recomendação explícita de que a filosofia forneça as provas da correção da poesia gnômica dificilmente seria um argumento pirrônico, lembraria mais a posição epicurista, ver Filodemo, *De Rhet.* 5. A distinção entre prova e asserção, à maneira epicurista, aparece novamente em § 284 e 280. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 297-298.

<sup>15</sup> A suposta fonte epicurista aqui poderia atingir os sofistas, mas seu alvo principal provavelmente eram os próprios estoicos, célebres por exagerarem em citações poéticas.

<sup>16</sup> Conforme afirmou Bett (2018, n. 275): “i.e. aqueles para os quais a filosofia é sua ocupação principal. A tradução de Blank: ‘aqueles que filosofam profissionalmente’ produz o efeito apropriado, exceto pelo anacronismo (parcial) envolvido na noção de uma ‘profissão’ acadêmica. A tradução de Bury: ‘filósofos principais’ e a de Pellegrin et al.: ‘filósofos eminentes’ não faz jus à força de *proegoumenos*.”

<sup>17</sup> Os epicuristas aprovavam a utilidade da poesia para o entretenimento (cf. Filodemo, *De Mus.* 4, *De Poem.*)

<sup>18</sup> Supostamente uma obra perdida. Cf. *Contra os Músicos*, *M* 6. 52 e 58.

<sup>19</sup> Ver a citação homérica em § 289.

<sup>20</sup> Em § 273 ele havia mencionado Epicarmo como autor deste pensamento.

<sup>21</sup> Cf. *Carta a Meneceu*, 124.



<sup>22</sup> Os exemplos contradizem a ausência de sensações após a morte: a alma alimenta-se e sofre. Comparar estas passagens, e também *M* 9. 67-8, com a argumentação de Lucrécio em 3. 894 ss.

<sup>23</sup> Há uma paráfrase deste provérbio em Plutarco, *De sera num. vind.* 549d.

<sup>24</sup> Trímetros iâmbicos e hexâmetro dactílico, respectivamente.

<sup>25</sup> Denominação comum de Eurípides, aparece, por exemplo, em Ateneu e Clemente de Alexandria.

<sup>26</sup> Cf. Platão, *Eutífron*, 5e-6a, onde Eutífron aponta a inconsistência entre essas histórias e sentimentos populares em relação, por exemplo, à justiça divina. Filodemo (1609, 4. 8 e 1088, 8. 22) também tratou de desarmar o conceito de que a vida fosse feliz no tempo de Crono.

<sup>27</sup> A mesma anedota aparece em Libânio, *Discurso LXIV (Pro saltatoribus)*, 119, sem o nome do bailarino. Ainda que a dança seja a moeda de troca do bailarino, não teria sido ela, propriamente, que salvou a cidade, mas sua presença de espírito e eloquência. Portanto, o que é dito acerca da gramática, poderia ser dito acerca de qualquer arte, mesmo uma considerada inferior, como a dança.

<sup>28</sup> DL (4. 9) conta a mesma anedota em relação a Xenócrates.

<sup>29</sup> Sexto abandona, portanto, o ataque à poesia e volta-se para o ataque à gramática como *tekhne*, fechando a discussão com um argumento mais afim a sua orientação filosófica. Os argumentos epicuristas visavam principalmente mostrar que a poesia era menos útil que a filosofia e que a poesia, para não causar prejuízos, precisaria passar pelo crivo do filósofo. A possibilidade de que os gramáticos pudessem preparar o terreno para o filósofo, arcando com o trabalho preliminar sobre a linguagem e outros problemas e, então, apresentar ao filósofo as máximas que ele deveria julgar, não foi afetada por estes argumentos. Também havia ficado em aberto a questão a respeito da prosa. Portanto, Sexto deve mostrar a plena inutilidade da gramática de forma a eliminar também essas possibilidades. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 327.

<sup>30</sup> O “conhecimento de todas as coisas” foi um dos tópicos discutidos em relação às competências linguísticas, principalmente acerca da retórica, mas estendendo-se também à gramática, e mesmo à arquitetura. Ver, por exemplo, Vitruvius, *De Architectura* I. 3, Quintiliano I. 4. 4, Cícero, *De Oratore*, 2. 2, Aristóteles, *De Rhetorica* I. 2, 1355b26-35. É tópico recorrente, portanto, nas divergências que implicavam o movimento sofista, ver Prezotto, 2009.

<sup>31</sup> A obscuridade dos escritos de Heráclito foi célebre. DL 9. 15 apresenta uma lista dos intérpretes de sua obra.

<sup>32</sup> Esta passagem e a sentença seguinte são comentadas por Plutarco em seu tratado *De animae procreatione in Timaeo*.

<sup>33</sup> Sexto cita Empédocles também em *M* 7. 115-25.

<sup>34</sup> O fragmento 112, 4-5, foi também citado pelo historiador Timeu de Tauromenion (DL 8. 66) para exemplificar sua declaração de que o modo de vida de Empédocles contradizia sua poesia, já que ele parece ter levado uma vida moderada e respeitável, enquanto em seu poema soa como um egoísta pretensioso. Este é exatamente o tipo de interpretação que Sexto diz que um “gramático ou homem comum” iriam supor. Ver Blank, *op. cit.*, p. 335.

<sup>35</sup> Sobre a purificação da alma no intuito de torná-la semelhante a “deus” e apta a apreender as “Formas”, ver, por exemplo o *Fédon* 79d ss. e *Teeteto* 176a ss. de Platão.

<sup>36</sup> Sexto omite o verso seguinte: “chama-se círculo zodiacal”. Hiparco (I, 1004A Mass) afirma que a interpretação de Arato é simples, mas não o entendimento das questões astronômicas, que convém a um astrônomo. O escólio ao poema astronômico de Arato cita alterações equivocadas propostas por “gramáticos”, opondo-as às corretas explicações dos “matemáticos”, i.e., astrônomos. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 330-331.

<sup>37</sup> A “prova” está em Euclides, *Elementa*, 4. 15: cada lado de um hexágono regular inscrito em um círculo é igual ao raio do círculo.

<sup>38</sup> Dalimier (2002, nota *ad loc.*), seguindo Bekker, propõe ἑλῶν (*helon*: “tendo tomado à força” – “tendo em seu poder”) ao invés de ἑλῶν (*elon*: conduzindo), na segunda linha do verso.

<sup>39</sup> Estes dois adjetivos são aplicados por Agamêmnon ao vale do rio Esopo. Não foi encontrada nenhuma passagem antiga que explique a relação pretendida por Sexto a partir da semente do junco. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 339-340 e Dalimier, *op. cit.*, nota *ad loc.*

<sup>40</sup> O ‘poeta’ Calímaco (c. 305-240 a.C.) foi também gramático em Alexandria. Segundo DL 2.111, Diodoro Crono frequentou a corte de Ptolomeu Sóter, que se declarou rei do Egito em 304 a.C.

<sup>41</sup> Diodoro Crono, um filósofo jônico que ensinou primeiro em Atenas, onde influenciou os fundadores das principais escolas helenísticas de filosofia, como Arcesilau, Zenão e seus contemporâneos, e depois foi para Alexandria, parece ter morrido ao redor de 285-282 a.C. Ver, sobre ele, Sedley, 1977 e 2018.

<sup>42</sup> *Lit.* “conexão” (*to sunemmenon*): uma “proposição conectada” (“se...então...”) faz parte dos enunciados complexos da lógica estoica. Considerando a exposição de Sexto acerca da controvérsia entre Diodoro e Fílon de Megara em *PH* 2.110, *M* 8.112 ss, fica claro que discutem acerca da validade de proposições que chamamos “condicionais”. O critério de Diodoro para uma condicional válida é: ela não admite, nem nunca admitiu, a possibilidade de ter um antecedente verdadeiro e um conseqüente falso. (Cf. Cícero, *De Fato*, 9.17). Ver Manetti, 1993, p. 104 ss.

<sup>43</sup> Cf. *PH* 2. 110, 242; *M* 7. 112.

<sup>44</sup> Paradoxos acerca do movimento são utilizados por Sexto em outras passagens. Em *PH* 2. 242 e *PH* 1. 312 estão conectados às aporias sobre causa ativa e passiva e ao argumento contra a morte. Em *PH* 3. 71, *M* 10. 85 de maneira detalhada, em relação a Diodoro Crono e seus opositores. Ver Kneale e Kneale, 1962, p. 128-138; Frede, 1974, p. 73; Sorabji, 1980, p. 70, 104. Acerca do “nasceremos de novo”, Blank (*op. cit.*, p. 344) conecta a teoria atomista de Diodoro implicada nos paradoxos do movimento com a possível conseqüência de que algo em movimento desaparece em um tempo e reaparece em outro. Assim, nossa existência poderia ser interpretada como uma seqüência contínua de desaparecimentos em um tempo e “(re)nascimentos” em outros. Ver, além disso, Denyer, 1981 (sobre o chamado argumento dominador) e Sorabji, 1983, p. 19 e 347.

<sup>45</sup> Mantemos o termo em itálico para lembrarmos-nos de que se relaciona à *tekhne*.

<sup>46</sup> Assim como se descobre o significado de palavras estrangeiras por se perguntar à pessoa certa (que o conhece e pode informar), também as palavras insólitas encontrariam explicação com uma busca adequada, provavelmente em livros, nesse caso. Nenhum dos dois procedimentos envolve *técnica*, ou seja, não pressupõem um sistema de proposições teóricas.

<sup>47</sup> Este exemplo pretende fazer uso da figura retórica da *metalepsis* (“substituição”): i.e., usar, pela palavra pretendida, o sinônimo de seu homônimo: siringe (um tipo de flauta) tem como homônimo siringe (um tipo de ferimento) cujo sinônimo (ferida) é usado no lugar da primeira. Nos outros casos, no entanto, Sexto usa “homônimos” cujas características prosódicas são distintas. Cf. Blank, *op. cit.*, p. 347-348.

<sup>48</sup> Alguns dos termos mais debatidos da filosofia até hoje.

<sup>49</sup> Cf. *PH* 1. 188-191. Sexto explica que alguns céticos usam a expressão no sentido interrogativo (“Por que isto mais que aquilo?”), e que é normal usar interrogativas por declaratórias e vice-versa e, ainda, que a expressão indica o sentimento (*pathos*) ou modo de sentir (em oposição ao objeto externo (cf. *PH* 1.15)).

<sup>50</sup> *kata historian*. Nossa interpretação não se afasta muito da de Bett (2018, *ad loc.*) como palavras ‘arcaicas’.

<sup>51</sup> *Kurios* é o que qualifica um nome próprio, e também a expressão comum, corrente, em oposição a uma rara (*glossa*), estrangeira ou usada metaforicamente. Poderia, portanto, por extensão de sentido, referir-se a palavras usadas em um contexto familiar e, considerando a argumentação anterior, no contexto de uma determinada área do conhecimento. Blank (*op. cit.*, p. 349-350) sugere, seguindo a leitura de Blomqvist, *op. cit.*, p. 13-18, que o próprio Sexto tenha composto esses dísticos elegíacos com termos do seu domínio, ou seja, da medicina, a tradução que ele propõe (supondo que sejam termos médicos), em nota *ad loc.*, e que mantemos em inglês, é esta: “*Would that both your small toes beneath your metacarpals Might wither away and put that part in lowest place, The bones which move in the capped joint of the knee-hollow Become crooked up to the highest process of the femur, While the dark psoas-muscles from their bottom up to their loose Insertion at the spinal canal are contracted.*” Ver também Bett, *op. cit. ad. loc.*

<sup>52</sup> Só nos resta admitir que esse poema, realmente, depois de vasculhado muitas vezes, não foi mesmo compreendido.

<sup>53</sup> Que o objeto de uma arte seja algo “ruim”, portanto inútil, compromete imediatamente a utilidade dessa arte. Compare-se, no entanto, com o argumento em § 278 cuja afinidade com o pirronismo Sexto faz questão de ressaltar. O argumento envolve, provavelmente, o paralelo entre claro = evidente, obscuro (ruim) = não-evidente, conectado, assim, ao argumento seguinte do “desacordo”. Ver também a argumentação contra a utilidade da arte ortográfica em § 170-4.

<sup>54</sup> Fim do *Contra os Gramáticos*. O livro seguinte, o segundo da obra *Contra os Professores*, é o *Contra os Retóricos* (tradução para o português de Britto e Huguenin, 2013; para o inglês, ver Bett, 2018).

## Referências bibliográficas:

- BEKKER, I. (Ed.) *Sextus Empiricus*, 1842.
- BLANK, D. (Trad.) *Sextus Empiricus: Against the Grammarians* (Adversus Mathematicos I). With an introduction and commentary. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- BLOMQUIST, J. Textkritisches zu Sextus Empiricus. In: *Eranos*, n. 66, p. 73-100, 1968.
- BETT, R. (Trad.) *Sextus Empiricus: Against those in the disciplines*, Oxford: OUP, 2018.
- BURY, R. G. (Ed. e Trad.) *Sextus Empiricus*. 4 vol. (Loeb). Cambridge: Harvard University Press, 1939-1949.
- BRITO, R.; HUGUENIN, R. (Trads.) *Sexto Empírico: Contra os Retóricos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- \_\_\_\_\_. (Trads.) *Sexto Empírico: Contra os Gramáticos*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- DALIMIER, C. (Trad.) Contre les grammairiens. In: PELLEGRIN, Pierre, et al. *Sextus Empiricus: Contre les professeurs*. Paris: Éditions du Seuil, 2002, p. 67-245.
- DENYER, N. Time and modality in Diodorus Cronus. In: *Theoria*, v. 47, n. 1, p. 31-53, 1981.
- FREDE, M. *Die Stoische Logik*. Göttingen: Vandenhoeck e Ruprecht, 1974.
- GIUSTA, M. Review of Mau. In: *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica*, n. 40, p. 425-432, 1962.
- KNEALE, M.; KNEALE, W. *The Development of Logic*. Oxford: OUP, 1962.
- MANETTI, G. *Theories of the Sign in Classical Antiquity*. Indiana: IUP, 1993.
- MAU, J.; MUTSCHMANN, H. (Eds.) *Sexti Empirici opera*. vol. 3, 2 edição, Leipzig: Teubner, 1961.
- PREZOTTO, J. *Dissoi Logoi: Sofística e Linguagem*. 2009.118 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- \_\_\_\_\_. Tradução anotada da introdução (M 1. 1-40) do Contra os Professores (M 1-6) de Sexto Empírico: argumentação geral contra a existência do ensino. *Phaos*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 155-186, 2017a.
- \_\_\_\_\_. Sexto Empírico: Contra os Gramáticos. Tradução anotada, segunda parte (M 1. 97-168). *Anais de Filosofia Clássica*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 80-114, 2017b.
- \_\_\_\_\_. Contra os Gramáticos, de Sexto Empírico: tradução anotada, primeira parte (M 1. 41-96). *Hypnos*, São Paulo, n. 40, p. 1-30, 2018.
- \_\_\_\_\_. Sexto Empírico. Contra os Gramáticos: tradução anotada, terceira parte (M 1. 169-247). *Archai*, Brasília, n. 25, p. 1-30, 2019.
- \_\_\_\_\_. Contra os Gramáticos, de Sexto Empírico: tradução anotada, quarta parte (M 1. 248-269). *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, no prelo.
- ROEDER, S. *O Contra os Músicos de Sexto Empírico: Introdução, Tradução e Comentários*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Paraná, 2013.

- SEDLEY, D. Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy. In: *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 203 NS 23, Cambridge: CUP, p. 74–120, 1977.
- \_\_\_\_\_. Diodorus Cronus. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy Online*. < <http://plato.stanford.edu/entries/diodorus-cronus/>> Acesso em: 03/11/2018.
- SORABJI, R. *Necessity, Cause and Blame*. Perspectives on Aristotle's Theories. Chicago: UCP, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Time, Creation and Continuum*. Theories in Antiquity and Early Middle Ages. Chicago: UCP, 1983.

